

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ELISÂNGELA PEREIRA PINTO DE SOUZA

**MAPEAMENTO DAS FORMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: ESTUDO  
NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS DE GOIÂNIA E ANÁPOLIS**

Goiânia

2017

ELISÂNGELA PEREIRA PINTO DE SOUZA

**MAPEAMENTO DAS FORMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: ESTUDO  
NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS DE GOIÂNIA E ANÁPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. M<sup>ª</sup>. Lais Pereira de Oliveira.

Goiânia

2017

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

E729m

Souza, Elisângela Pereira Pinto de,

Mapeamento das formas de classificação bibliográficas [manuscrito]: estudo nas bibliotecas universitárias de Goiânia e Anápolis. Elisângela Pereira Pinto de Souza. Goiânia: 2017. 70 p.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup>. Lais Pereira de Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Curso de Biblioteconomia, Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, 2017.

1. Mapeamento. 2. Classificação. 3. Biblioteca Universitária. I. Oliveira, Lais Pereira. II. Título.

CDU: 025.4

ELISÂNGELA PEREIRA PINTO DE SOUZA

**MAPEAMENTO DAS FORMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: ESTUDO  
NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS DE GOIÂNIA E ANÁPOLIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado em 23 de novembro de 2017, pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:

---

Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Lais Pereira de Oliveira  
Presidente da Banca – Universidade Federal de Goiás

---

Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Geisa Muller de Campos Ribeiro  
Membro examinador – Universidade Federal de Goiás

Aos meus pais.

## **AGRADECIMENTOS**

Eu venci, e neste momento só tenho a agradecer a Deus por tudo, por ter me dado forças e coragem para enfrentar os medos e os desânimos. Graças a Ele, hoje sou uma vencedora. Foram muitos obstáculos, muitas provações, muitas pessoas querendo me derrubar, mas a fé e a esperança de vencer foram maiores, e Ele sempre esteve à frente de tudo, hoje o sentimento é de gratidão e de mais uma etapa cumprida. Obrigada Pai por tudo.

Agradeço a Leusimar, que foi a pessoa que me incentivou a fazer o curso, que viu em mim uma profissional, mesmo eu não acreditando em mim, ela sempre me apoiou e me incentivou.

Obrigada a minha amiga Fabiana, querida, que sempre esteve do meu lado, me dando força, me levantando, escutando minhas lamúrias, vendo meu cansaço, mas sempre me apoiou também, nunca me abandonou e sei que posso sempre contar com ela.

Obrigada aos meus pais que me ensinaram que o estudo é tudo na vida, nunca é tarde pra recomeçar, me ensinaram que para vencer na vida, tem-se que estudar. Sempre estiveram presentes em minha vida, nunca me abandonaram.

Não menos importante, mas sem eles ninguém seria nada, são os sinceros agradecimentos a todos os professores, aos nossos mestres, a todos aqueles que no decorrer destes anos na graduação puderam contribuir um pouco mais com nossos aprendizados e formação. Alguns tiveram mais contatos, outros nem tanto, porém todos muito importantes para toda a formação. Não seria justo citar nomes, mas agradeço a todos, pela paciência, pelo entendimento e compreensão com minhas limitações e necessidades, todos conheciam a minha velha história de sair um pouco antes, devido à distância de casa e do trabalho. Obrigada a todos.

Obrigada a minha querida orientadora Laís, que aceitou me orientar, mesmo sabendo de minhas limitações, aceitou me orientar. Hoje me sinto com o dever cumprido, não foi fácil, mas muito gratificante passar este 01 ano de lutas, de choros, desespero, vontade de largar tudo e sumir. Houve alguns contratemplos, cansaços, perda de horário, até cirurgia no meio do semestre..., mas consegui chegar até o fim.

Encerro este círculo, com a sensação de dever cumprido, com gratidão no coração e agora é a hora de deparar com o mercado de trabalho, colocar em prática tudo o que nossos mestres ensinaram e compartilharam conosco neste período de graduação.

Obrigada a todos que estiveram comigo nesta fase de minha vida, aos meus colegas e mais uma vez a todos os professores. Meus sinceros agradecimentos a todos.

“A persistência é o caminho do êxito”  
Charles Chaplin

## **RESUMO**

Analisa a forma de classificação bibliográfica e as adaptações adotadas nas bibliotecas universitárias de Goiânia e Anápolis. A pesquisa é do tipo descritiva com abordagem qualitativa e quantitativa. A coleta dos dados foi feita com a aplicação de questionário junto aos bibliotecários das unidades que compõem o escopo da pesquisa, mediante envio de formulário online. A análise foi feita observando a realidade das duas cidades e fazendo uma comparação entre as duas. Os resultados indicam que não são todas as unidades que realizam adaptação, mas as que realizam fazem pensando na melhor forma para recuperação da informação facilitando assim o tempo do usuário. Conclui-se que apesar de não serem todas as unidades que fazem adaptação, as que fazem, tentam aprimorar o agrupamento de assuntos, visando à viabilidade de localização de assuntos para assim facilitar para os usuários.

**Palavras-chave:** Classificação bibliográfica. Sistema de classificação. Biblioteca Universitária.

## **ABSTRACT**

It analyzes the form of bibliographic classification and the adaptations adopted in the university libraries of Goiânia and Anápolis. The research is descriptive with a qualitative and quantitative approach. The data collection was done with the application of a questionnaire to the librarians of the units that compose the scope of the research, by sending an online form. The analysis was made observing the reality of the two cities and making a comparison between the two. The results indicate that it is not all the units that perform adaptation, but the ones that do make thinking about the best way to retrieve the information, thus facilitating the user's time. It is concluded that although not all the units that make adaptation, those that do, try to improve the grouping of subjects, aiming at the feasibility of locating subjects to facilitate for the users.

**Keyword:** Bibliographic classification. Classification system. University Library.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 01	Características aplicadas a Classificação -----	20
Figura 02	Exemplos de sistema de Classificação -----	22
Figura 03	Exemplo de utilização da CDU -----	26

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01	Elementos de organização da informação -----	19
Quadro 02	Tabela sistemática de comparação -----	24
Quadro 03	Instituições de ensino superior selecionadas -----	30
Quadro 04	Desenho da pesquisa -----	35

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 01	Previsão e amostra real da pesquisa, comparativo Anápolis e Goiânia ----	36
Gráfico 02	Faixa etária -----	37
Gráfico 03	Faixa etária, Anápolis e Goiânia -----	38
Gráfico 04	Categorização de sexo -----	38
Gráfico 05	Categorização de sexo dos profissionais de Anápolis e Goiânia -----	39
Gráfico 06	Tempo que exerce a profissão de bibliotecário -----	39
Gráfico 07	Tempo que exerce a profissão, Anápolis e Goiânia -----	40
Gráfico 08	Experiência com CDD, CDU ou os dois. -----	41
Gráfico 09	Experiência com CDD, CDU ou os dois, Anápolis e Goiânia. -----	41
Gráfico 10	Quanto tempo atua na instituição que trabalha -----	42
Gráfico 11	Tempo de atuação na instituição, Anápolis e Goiânia. -----	43
Gráfico 12	Sistema de classificação adotado na instituição que trabalha -----	43
Gráfico 13	Sistema de classificação adotado nas instituições, Anápolis e Goiânia. ----	44
Gráfico 14	Troca do sistema de classificação nas instituições -----	45
Gráfico 15	Troca de sistema de classificação nas instituições, Anápolis e Goiânia. ---	45
Gráfico 16	Obedece fielmente a notação que o sistema indica. -----	46
Gráfico 17	Obedece à notação que o sistema indica, Anápolis e Goiânia. -----	46
Gráfico 18	Uso do índice do sistema para classificar -----	47
Gráfico 19	Uso do índice do sistema para classificar, Anápolis e Goiânia. -----	48
Gráfico 20	Utilização das tabelas auxiliares. -----	48
Gráfico 21	Utilização das tabelas auxiliares, Anápolis e Goiânia. -----	49
Gráfico 22	Segue a risca a utilização das tabelas auxiliares. -----	49
Gráfico 23	Segue a risca a utilização das tabelas auxiliares, Anápolis e Goiânia. -----	50
Gráfico 24	Dificuldade em encontrar assuntos na tabela ou no índice da tabela -----	50
Gráfico 25	Dificuldade em encontrar assuntos na tabela, Anápolis e Goiânia. -----	51
Gráfico 26	Necessidade de adequação na classificação adotada. -----	52
Gráfico 27	Necessidade de adequação na classificação, Anápolis e Goiânia. -----	53
Gráfico 28	A Classificação é realizada pensando na praticidade do usuário para encontrar o material na estante -----	55
Gráfico 29	A classificação é realizada pensando na praticidade do usuário para encontrar o material na estante, Anápolis e Goiânia -----	56

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACR2	Anglo American Cataloguing Rules
BSO	Broad System of ordering
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDDir	Classificação Decimal de Direito
CDU	Classificação Decimal Universal
FIC	Faculdade de Informação e Comunicação
LCC	Library of Congress Classification
MEC	Ministério da Educação
OC	Organização do Conhecimento
OI	Organização da Informação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFG	Universidade Federal de Goiás

## **SUMÁRIO**

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	14
1.1	JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	15
1.2	OBJETIVOS	16
1.2.1	<b>Objetivo geral</b>	16
1.2.2	<b>Objetivos específicos</b>	16
2	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b>	17
2.1	ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO	17
2.2	HISTÓRICO DAS CLASSIFICAÇÕES E SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO	19
2.3	CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA	22
2.4	BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA	27
3	<b>METODOLOGIA</b>	29
3.1	DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	29
3.2	UNIVERSO E AMOSTRA	30
3.3	CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	31
3.4	INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	32
3.4.1	<b>Pré-teste</b>	33
3.5	ETAPAS DA PESQUISA	34
3.6	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	35
3.7	DESENHO DA PESQUISA	35
4	<b>ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS</b>	36
4.1	CATEGORIZAÇÃO	37
4.2	CLASSIFICAÇÃO	40
4.3	CATEGORIZAÇÃO DOS SISTEMAS NAS INSTITUIÇÕES	44
5	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>59</b>
5.1	SUGESTÃO PARA ESTUDOS FUTUROS	60
	<b>REFERÊNCIAS</b>	61
	<b>APÊNDICES</b>	64
	<b>ANEXOS</b>	<b>67</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ato de classificar é uma atividade costumeira de qualquer pessoa, onde em várias situações do cotidiano, se classifica. Seja nos supermercados, nas perfumarias, nos parques, em casa, no trabalho, se observar a fundo, tudo é feito a partir da classificação.

Na Biblioteconomia não poderia ser diferente, uma vez que os profissionais são responsáveis pela organização e ordenação dos materiais na biblioteca, contudo nesse âmbito (MERRIL, 1958, p. 28) classificar é: “a arte de dar aos livros um lugar exato num sistema de classificação, no qual os vários ramos do saber ou a descrição da vida humana, em seus vários aspectos, estão agrupados conforme suas semelhanças ou suas relações”.

Nas bibliotecas os profissionais, bibliotecários, utilizam sistemas de classificação para adotar notações fornecidas por estes, como por exemplo, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) ou a Classificação Decimal Universal (CDU), para classificar os materiais no âmbito das unidades informacionais, sendo estes os principais sistemas de classificação utilizados nas bibliotecas pelo mundo. Para Robredo (2005) os sistemas de classificação são designados para analisar diferentes tipos de assuntos, onde consente designar panoramas com documentos de uma coleção, favorecendo o agrupamento deste material físico nas prateleiras.

Tem-se também no âmbito da biblioteca o processo de Organização da informação (OI), que para Brascher e Café (2010, p. 118) “é um processo de arranjo de acervos tradicionais ou eletrônicos, realizado por meio da descrição física e de conteúdo (assunto) de seus objetos informacionais”. Sendo assim no contexto informacional, a OI se dá pela organização dos elementos descritivos e temáticos, que representam o contexto informacional nas unidades de informação, estando à classificação presente neste último.

Aborda-se na presente pesquisa um mapeamento decorrente da verificação dos sistemas de classificação adotados pelas bibliotecas universitárias de Goiânia e Anápolis, uma vez que estas classificações mudam e sofrem adaptações, em cada unidade. Os acervos são variados e específicos, o público modifica de acordo com a instituição e com os cursos ofertados, além do que o serviço realizado pelo bibliotecário se dá conforme sua experiência e de acordo com a viabilidade de utilização dos sistemas decimais nas unidades informacionais.

A pesquisa nas bibliotecas universitárias se dá, portanto, devido ao grande número de especificidades e generalidades encontradas nestas unidades, pois em cada uma há uma demanda diferente. A biblioteca universitária por sua vez se compõe de um público peculiar,

cuja demanda é muito específica e particular de cada instituição, sendo que todo o trabalho realizado pelos profissionais volta-se para atender a uma comunidade específica.

De acordo com Langridge (2006), não há formas absolutas de classificação certa ou errada, mas sim aquelas mais adequadas ou não para determinado propósito, embora algumas possam servir mais que outras para certo tipo de ocorrência. Assim, aborda-se nesta pesquisa a forma mais ajustada para a classificação nas bibliotecas universitárias, as diferentes formas de classificação e sua aplicação nas unidades de informação, ressaltando assim a sua importância e se realmente é necessário às aplicações e adaptações realizadas nestas unidades.

Nas seções a seguir apresenta-se a justificativa da pesquisa, os objetivos gerais e específicos, a revisão de literatura, a metodologia, a análise dos dados e a conclusão.

### 1.1 JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

A presente pesquisa dedica-se ao estudo da classificação nas bibliotecas universitárias, tendo por base a vivência prática da pesquisadora, que por ora observa que em algumas unidades de informação a classificação não é utilizada seguindo a risca todos os métodos e os mesmos sistemas bibliográficos decimais convencionais. A razão pela qual o tema foi escolhido se dá pela percepção de possíveis adaptações e adequações realizadas pela comunidade bibliotecária na elaboração classificatória do acervo bibliográfico das bibliotecas universitárias de Goiânia e Anápolis, sendo assim realizando um mapeamento para averiguar estas possíveis adaptações e adequações.

Vislumbra-se uma contribuição teórica na medida em que se propõe a estudar o assunto classificação, obtendo por base todo processo histórico das classificações e toda a sua evolução no decorrer de séculos de estudos e aperfeiçoamento. Nesse sentido, a investigação amplia as perspectivas no tema e permite avançar nas incursões biblioteconômicas a este respeito, especialmente no contexto universitário, que é aqui contemplado.

A contribuição prática do estudo pode ser observada na medida em que se discutem as práticas em classificação junto aos bibliotecários da área, trazendo clareza para os mesmos sobre o processo. Com a prática de classificação, pode-se perceber que o seguir a risca determinados padrões pré-determinados, muitas vezes não convém, uma vez que o exercício no cotidiano pode ser o melhor modelo para se seguir.

Diante das questões colocadas tem-se como problemática: Quais as formas de classificação bibliográfica adotadas nas bibliotecas universitárias de Goiânia e Anápolis e as adequações realizadas?

## 1.2 OBJETIVOS

Tem-se segmentado a descrição do objetivo geral e específicos, delimitando até onde irá à pesquisa.

### 1.2.1 Objetivo geral

Analisar as formas de classificação bibliográfica adotadas nas bibliotecas universitárias de Goiânia e Anápolis e as adequações realizadas.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- a) Identificar os sistemas de classificação nas bibliotecas universitárias selecionadas;
- b) Entender as formas de adaptação na classificação empregadas nas unidades de informação;
- c) Constatar a motivação dos bibliotecários e a funcionalidade da organização do acervo.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo é apresentada através de conceitos científicos a temática de classificação sob uma abordagem teórica, a apresentação de organização e tratamento da informação. Discute-se também o universo abordado nesta pesquisa, que é o ambiente das bibliotecas universitárias.

### 2.1 ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

De acordo com Alvares (2012) a informação é a junção de dados a partir dos quais se permite retirar significados, levando à obtenção do conhecimento. Assim a informação é um componente essencial no processo da comunicação, sendo uma junção de todos os dados obtidos, para assim se realizar processo de organização.

A organização da informação (OI) por sua vez é um processo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação que envolve as etapas do preparo de documentos, desde sua origem, a sua classificação e até mesmo de sua identificação. São todas as etapas de concretização das informações a respeito dos dados descritivos e temáticos dos documentos.

Neste sentido, o “principal objetivo da organização da informação é recuperar objetos informacionais, que são as informações registradas nos mais variados suportes – textos, imagens, registros sonoros, representações cartográficas e páginas web entre outros”. (LIMA; ALVARES, 2012, p. 35).

Para Padilha (2014) a organização da informação é a técnica praticada pelo tratamento documental, onde se possibilita disseminar o conhecimento, de modo a dinamizar o acesso para o usuário. Sendo necessário evidenciar a percepção da instituição com a informação, em relação com o social e o cultural vivenciado pela comunidade.

Para tanto, Monteiro (2010, p. 133) sintetiza a OI em todo o contexto das unidades de informação, expondo que:

A organização da informação (OI), tanto no ambiente tradicional, com bibliotecas e documentos impressos, quanto no ambiente digital, com a Web e arquivos digitais, ocorre em um sistema de informação constituído de componentes inter-relacionados para coletar (entrada), tratar (processamento) e disseminar (saída) informações.

Assim, de acordo com Café e Sales (2010), a OI é abordada na ciência da informação, sob o aspecto investigativo, fornecendo teoria e metodologia ao tratamento da

informação e aspecto operacional, relacionando a execução do profissional da informação. Destacam também no processo de tratamento: a indexação, com sua função de complementar a organização da informação; e a elaboração de resumos, complementando a informação obtida pela classificação e pela indexação.

A organização da informação se divide em duas etapas: descritiva – representando os atributos físicos relacionados à catalogação, e temática – caracterizando assuntos a partir dos processos de classificação e indexação. Para Café e Sales (2010, p. 118):

A descrição física de um objeto informacional se dá pelo processo de catalogação cujo resultado é a representação do suporte físico ou documento. Pode utilizar linguagens específicas, normas e formatos que padronizam este tipo de descrição. Um exemplo é a AACR2 (Anglo-american Cataloguing Rules 2. ed.).

A representação descritiva da OI se dá com base no preparo do material catalogado, com isto todo o processo de catalogação das obras se faz necessário para que haja uma recuperação e identificação do material dentro das unidades de informação mediante seus atributos físicos.

A representação temática é o processo de identificação do material no que se referem ao tema, quais assuntos abordados dentro da obra. É a realização de indexação, do resumo e da classificação.

De acordo com Souza (2007, p. 104):

Na Biblioteconomia as atividades de organização do conhecimento e representação da informação estão essencialmente direcionadas a duas funções básicas: a de acesso a documentos em bibliotecas e a de recuperação do conteúdo intelectual dos documentos pelos catálogos através do índice de assuntos.

Deve-se ressaltar a diferença das comparações realizadas entre a Organização do Conhecimento (OC) com a OI. Para Alvares (2012, p. 30), OC consiste no modo como o conhecimento “é disposto em assuntos em toda parte onde se deseja a sua sistematização ordenada para atingir determinado propósito”, é o processo de mediação que possibilita a recuperação da informação e seu armazenamento. E a OI é o processo realizado para representar os documentos.

Por meio da OI, pode-se classificar e ordenar da melhor forma para a recuperação de materiais bibliográficos, realizando assim o melhor trabalho de ordenação de acordo com a necessidade do usuário e facilitando também o trabalho do profissional quanto à recuperação.

Para fazer uma ligação entre a OI e as Classificações, segue o quadro representando esta junção, que demonstra o processo classificatório dentro da OI. Onde através das divisões

do processo de organização, pode-se perceber que há a classificação. Assim no quadro estão organizados os elementos para o processo de OI.

Quadro 01- Elementos de organização da informação:

Elementos de organização da informação			
Elementos		Descrição	
Esquemas	Exatos	Alfabético	Apresenta informações ordenadas alfabeticamente
		Cronológico	Apresenta informações ordenadas por datas ou períodos temporais
		Geográfico	Apresenta informações ordenadas segundo aspectos espaciais
	Ambíguos	Tópico	Organiza informações por assunto
		Orientado a tarefa	Organiza informações segundo processos, funções ou ações que usuários podem executar.
		Orientado ao público	Organiza informações de acordo com os tipos de usuário e seus respectivos interesses.
		Orientado a metáfora	Organiza informações a partir de metáforas conhecidas pelo usuário
Híbridos	Combina elementos de organização exatos e ambíguos		
Estruturas	Hierárquica ( <i>top-down</i> )		Estrutura taxonômica com classes e subclasses, partindo de assuntos mais gerais para os mais específicos
	Base de dados relacional ( <i>bottom-up</i> )		Estrutura baseada em registros com descrições de conteúdo, partindo de assuntos específicos para os mais gerais
	Hipertexto		Estrutura que agrupa conteúdos de acordo com nível de semelhança ou critérios pré-definidos, de forma não linear e com componentes interligados por <i>links</i>

Fonte: Rosenfeld e Merville, (2002 apud MONTEIRO, 2010).

## 2.2 HISTÓRICO DAS CLASSIFICAÇÕES E SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO

Classificação é um processo mental de divisão e separação de coisas iguais e diferentes. A palavra “tem origem no latim *classificare*, ou seja, *ficare em classis*, que remete a ficar em uma classe; entretanto, não apresenta apenas um sentido”. (SCHIESSL; SHINTAKU, 2012, p. 58).

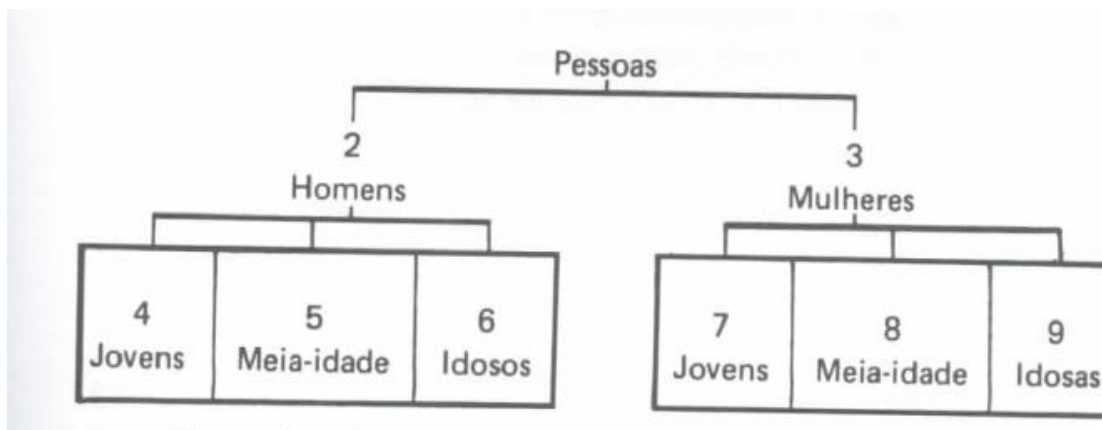
Classificar significa dividir, repartir, separar, coisas semelhantes em grupos diferentes uns dos outros, podendo ser caracterizada como:

Um processo mental, pelo qual as coisas são reunidas de acordo com o grau de semelhança. [...] em classificação o que tem real importância é a semelhança, pois a diferença tem mero valor negativo. Agrupar elementos semelhantes é a definição mais simples de classificação. [...]. Classificação de livros é separá-los em classes, dando-lhes ao mesmo tempo lugar nas estantes, de acordo com determinado sistema. (LENTINO, 1971, p. 4).

Contudo para Tabosa, Cardoso e Albuquerque (2015, p.146) “Os sistemas de classificação, tais quais os utilizamos na atualidade, são, do ponto de vista histórico, bastante recentes, vindo a consagrar-se somente no final do século XIX”. Assim o processo de classificar demanda do profissional bibliotecário muita atenção e coerência, sendo que há variações de acordo com a característica de cada acervo e do tipo de usuário.

Para Langridge (2006), é conveniente haver lógica para seguir a linha de raciocínio das classificações, assim demonstrando na figura 01. Na demonstração, o autor faz a relação de pessoas, classifica dividindo entre homens e mulheres e a partir desta separação se faz outra classificação, separando dentro das classes a faixa etária de cada grupo.

Figura 01 - Características aplicadas à classificação.



Fonte: Langridge (2006, p. 25).

No habitual de qualquer pessoa, o ato de classificar já faz parte da rotina diária, já que em todo o cotidiano se classifica. Classifica-se mesmo sem saber que se está executando este ato, sendo este um processo mental habitual ao homem, pois vivemos automaticamente classificando coisas e ideias, a fim de compreendê-las.

As classificações realizadas nos ambientes informacionais, com destaque nas bibliotecas, são feitas de acordo com o assunto abordado nas obras, fazendo-se assim então, uma distinção de classes e assuntos. Este é um trabalho realizado com precisão e lógica, conforme Langridge (2006).

As classificações bibliográficas, ora chamadas de documentárias, apresenta sua origem, segundo Barbosa (1969), na classificação dos conhecimentos humanos, sendo que os filósofos foram os primeiros a classificar, em especial Platão. Assim sendo, estas classificações bibliográficas mais elaboradas, constituem agrupamentos dos conhecimentos humanos segundo

o ponto de vista de seus idealizadores (BARBOSA, 1969). Neste sentido para os livros haverá seu lugar específico nas estantes, contudo se fazem necessários um arranjo e uma ordenação conforme a agilidade para a sua recuperação (*Loc. cit.*).

Para Barbosa (1969) a necessidade de reunir os conhecimentos humanos numa ordem lógica levou os filósofos ao estabelecimento de grandes agrupamentos, cuja ordem variava segundo os conceitos de cada um. Contudo os sistemas de classificação filosóficos são os advindos dos filósofos, com a designação de deliberar, esboçar e hierarquizar o conhecimento para assim ordenar as ciências e as coisas. Surgiram quando os sábios compreenderam que o universo é um sistema harmônico, cujas partes estão dispostas em relação ao todo.

Francelin e Pinho (2011, p. 11) fazem um apanhado geral da história filosófica das classificações tratando de:

Platão (427-234 a.C.), que classificou as ciências dividindo o conhecimento em Física, Ética e Lógica; Aristóteles (384-322 a.C.), que com sua classificação diatônica dividiu as ciências, de acordo com suas finalidades, em teóricas (pensar), práticas (agir) e poéticas (produzir); e Francis Bacon (1561-1626), que dividiu as ciências em memória, imaginação e razão.

Segundo Anjos (2008) Aristóteles propõe a divisão tritônica do conhecimento e as dividiram em teóricas, práticas e poéticas, conforme as três operações principais: pensar, agir e produzir. As ciências teóricas, limitando-se a constatar a verdade, são a Matemática, a Física e a Teologia. As ciências práticas, determinando as regras que devem dirigir nossos atos, são a Moral ou a Ética, a Economia e a Política. E as poéticas indicando os meios a usar a produção de obras exteriores, são a Retórica, a Poética e a Dialética.

A classificação filosófica do filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626) é a mais importante, Segundo Piedade (1983, p.63) Bacon dividiu as ciências de acordo com as finalidades humanas em jogo: a memória, a imaginação e a razão.

Em 1605 idealizou um sistema que trata da análise do conhecimento humano, baseado no seguinte raciocínio: os sentidos, que são a porta do intelecto, são afetados por objetos exteriores, isto é, as impressões recebidas pelos sentidos são fixadas pelo cérebro. Ao receber as informações, o cérebro, examina-as através da memória (História) ou faz imitação pela imaginação (Poesia), ou as analisa e classifica pela razão (Filosofia). (ANJOS, 2008; BARBOSA, 1969).

Assim, Barbosa (1969, p. 47) relata fazendo o apanhado geral histórico:

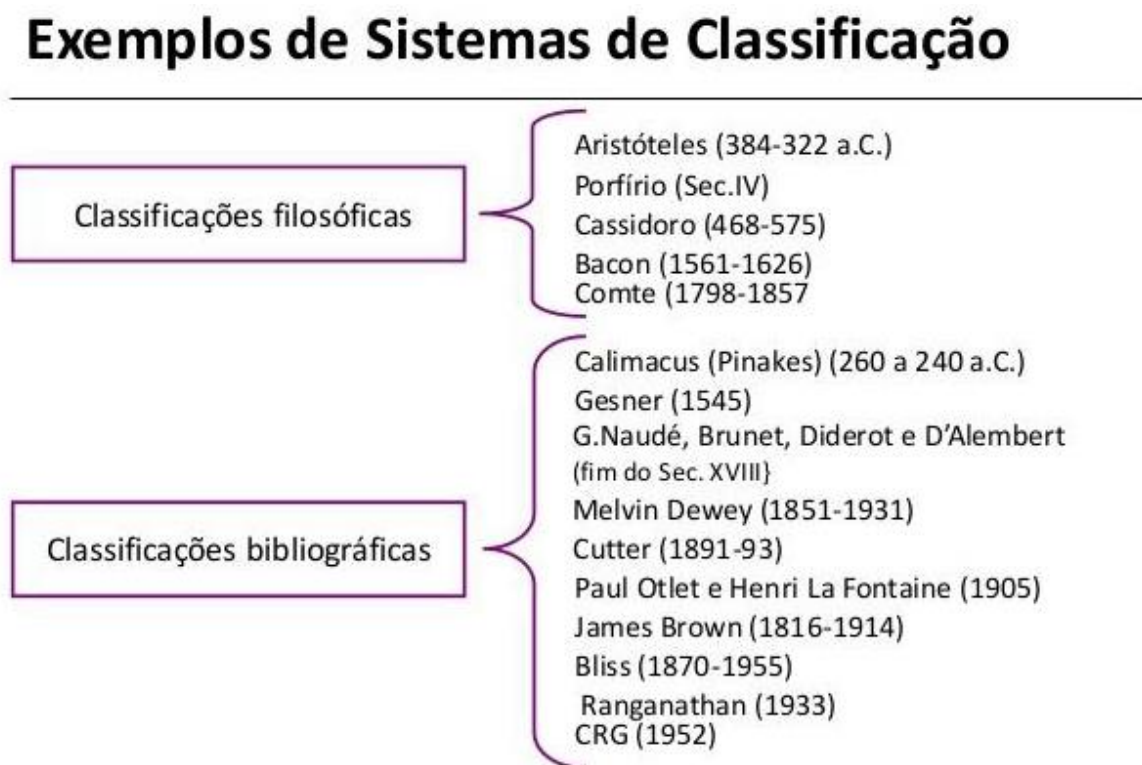
Ver-se-a que o sistema de Bacon, idealizado em 1605, foi usado por Brumet, em 1810, modificado por Harris, em 1870, adotado com inversão por Dewey, em 1876, que por

sua vez, surgiu de base para o grande sistema de classificação decimal universal (CDU).

No momento histórico há para Barbosa (1969) além da classificação filosófica a classificação bibliográfica, que reúne sistemas designados para a organização de documentos nas estantes, em catálogos, em bibliografias e nas bibliotecas. Esta classificação é realizada por meio da ordenação e constituição de esquemas para organizar as obras.

Maculan (2003), em seus estudos sobre a história das classificações, realiza a divisão das classificações filosóficas e bibliográficas (vide figura 02), fazendo um apanhado que conecta cada filósofo com o seu respectivo sistema de classificação.

Figura 02 - Exemplos de sistema de classificação.



Fonte: Maculan (2013).

### 2.3 CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

De acordo com alguns autores as classificações são esquemas universais que conseguem abranger todas as áreas do conhecimento e atende as mais variadas especificidades dos sistemas e dos usuários.

De acordo com a presente pesquisa, Anjos (2008, p.133) traz sua consideração sobre a classificação bibliográfica que é:

Uma sequência de conceitos planejados para serem aplicados à organização de acervos de bibliotecas para que livros possam ser recuperados de modo eficaz e eficiente, ou seja, uma aplicação pragmática do princípio classificatório no contexto das unidades e sistemas de informação.

Assim, (BARBOSA, 1969) ressalta que as classificações bibliográficas procuram estabelecer as relações entre documentos para facilitar sua localização e (ARAUJO, 2011) enfatiza que é o processo de agrupar os livros pelos assuntos de que tratam, representando os mesmos por códigos principalmente numéricos, sendo um trabalho técnico realizado pelo bibliotecário.

Estas classificações bibliográficas segundo Barbosa (1969) se dividem em gerais, que abrangem todos os campos do conhecimento, citando como exemplo a CDD e CDU e outros, e em especializados quando envolvem certas áreas do conhecimento e abrangem tipos específicos de materiais.

Café e Sales (2010, p. 118) citam estes principais sistemas de classificação, onde:

A classificação gera uma representação da informação no formato de números ou símbolos de classificação. Geralmente, ela descreve o conteúdo do documento de forma mais abrangente. Os instrumentos ou linguagens utilizados neste caso são os Sistemas de Classificação, cujos exemplos clássicos são a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU).

Além da CDD e da CDU, Robredo (2005, p. 129) ressalta que dentre os sistemas mais conhecidos estão: “Classificação da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos (LCC- Library of Congress Classification); e Sistema Geral de Ordenação (BSO – Broad System of Ordering)”.

Estabelecida por Melvin Dewey, Café e Sales (2010, p. 120), trazem o início da criação da classificação decimal:

o norte-americano Melvin Dewey, por meio de sua classificação decimal, se ocupou em desenvolver uma lógica organizacional para acervos de bibliotecas baseada no assunto tratado nos livros, de modo a possibilitar a consulta (recuperação) dos mesmos de maneira uniforme. A principal contribuição de Dewey para a organização da informação reside na possibilidade de dar ordem aos assuntos (conhecimentos) sob uma perspectiva hierárquica, assuntos mais gerais e assuntos mais específicos.

Melvin Dewey idealizou sua estrutura de classificação por meio de números decimais, para organizar os livros e suas coleções nas estantes. Conforme ressalta Tálamo (1995, p. 54), a CDD “calcada na classificação das ciências de Francis Bacon, tem suas dez classes baseadas na divisão do conhecimento em três grandes grupos: memória, imaginação e razão”. Sua primeira edição foi em 1876 e hoje é usada em todo o mundo, por se utilizar de

números decimais puros. De acordo com Robredo (2005, p. 129) “a organização da CDD é sistemática [...] de modo que se podem classificar em mais uma área do conhecimento”, e se utiliza também um Índice de Relações, que faz relação com todos os assuntos.

Depois da CDD surgiu a Classificação Decimal Universal (CDU) construída também sob os princípios da divisão científica do conhecimento, que traz um avanço em relação à primeira:

Aumento da capacidade de síntese, ou seja, possibilidade de representar assuntos complexos e de classes diferentes por meio de mecanismos de combinação; incorporação do princípio de análise por facetas, princípio que permite uma análise multidimensional dos assuntos. (TÁLAMO, 1995, p. 55)

(CAFÉ E SALES, 2010) destacam os criadores da CDU (1905), Paul Otlet e Henri La Fontaine, concedendo ao universo da organização temática as primeiras formas de classificação de assuntos com base na síntese e análise, sendo eles os pioneiros desta organização que passa a ser utilizada conscientemente por Ranganathan em 1930.

Barbosa (1969, p. 387) especifica o princípio do acréscimo de sinais na CDD, para a então criação da CDU:

Embora decimal e muito expansivo, o sistema de Dewey não tinha a flexibilidade necessária para que assuntos compostos fossem classificados e, assim, o Instituto conseguiu que Dewey autorizasse o acréscimo de sinais e símbolos, a fim de obter as notações minuciosas que se faziam necessárias.

Assim, seguindo o modelo da CDD a CDU não é somente um sistema de classificação e de organização de documentos, mas é bastante utilizada como sistema de recuperação da informação. Também se usa em sua notação números decimais, além de facetas e tabelas auxiliares para especificação de assuntos.

Pode-se fazer uma demonstração geral das principais formas de classificação, a CDD e a CDU, assim, exemplificando no quadro 02 a proximidade entre as classes principais dos dois sistemas:

Quadro 02 - Tabela sistemática de comparação das classes.

<b>CDD</b>	<b>CDU</b>
<b>000</b> Generalidades	<b>0</b> Generalidades. Ciência e conhecimento. Organização. Informática. Informação. Documentação. Biblioteconomia. Instituições. Publicações.
<b>100</b> Filosofia	<b>1</b> Filosofia. Psicologia
<b>200</b> Religião	<b>2</b> Religião. Teologia
<b>300</b> Ciências Sociais	<b>3</b> Ciências Sociais
<b>400</b> Línguas	<b>4</b> Vaga
<b>500</b> Ciências Puras	<b>5</b> Matemática. Ciências Naturais
<b>600</b> Ciências Aplicadas	<b>6</b> Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia

<b>700</b> Artes	<b>7</b> Artes. Recreação. Entretenimento. Esportes
<b>800</b> Literatura	<b>8</b> Linguística. Literatura. Língua
<b>900</b> História. Geografia e Biografia	<b>9</b> História. Geografia. Biografia

Fonte: Elaborado pela autora, (2017).

A partir do comparativo das classes, pode-se perceber nitidamente a semelhança entre as duas, ora para quem não as conhece fica difícil separar, obtendo assim algumas confusões.

A CDD utiliza os números puros, separando os três primeiros dígitos por ponto e nos demais números para a composição do assunto não há a obrigatoriedade de separação e ou acréscimos de símbolos. Porém, há a utilização de tabelas auxiliares para melhor composição dos assuntos na notação. Quanto à estrutura física da CDD, ela possui 04 volumes e um guia prático. O volume 01 é composto pela Introdução, os volumes 02 e 03 são as Tabelas sistemáticas/assuntos e o volume 04 se trata do Índice Relativo.

De acordo com Sousa (2010, p. 108), na CDD:

Tudo o que deve ser adicionado na hora da classificação, é necessário consultar a orientação dada pela tabela, diferentemente da CDU que é mais livre, permite expandir e fazer combinações, seguindo as orientações das Tabelas auxiliares e principais, permitindo a composição de números de diversas formas.

Na CDU que é considerada mista e bastante flexível, utiliza-se de tabelas auxiliares, com grandes sinais e números para compor a notação de assuntos. Contudo Barbosa (1969, p. 388) menciona a composição da notação da CDU como:

A notação da CDU apresenta o máximo de flexibilidade e mista, consistindo de números, letras e sinais. Para quebrar as extensões dos números e facilitar sua leitura — pois eles são lidos como decimais e não como números inteiros — o sistema adotou o emprego do ponto decimal, de três em três algarismos. Esse ponto não tem, portanto, valor classificatório e sim apenas simbólico.

Para obter maior abrangência dos assuntos, na CDU, são usados sinais e símbolos para classificar conceitos mais subjetivos, assim sendo, Barbosa (1969, p. 388) faz a divisão: “conforme o seguinte agrupamento: a) sinais de ligação; b) tabelas auxiliares comuns; c) sinais analíticos ou especiais; d) auxiliares alfabéticos; e) outros sinais auxiliares”. Sendo utilizados os símbolos de adição, relação e ligação para especificar lugares, língua, tempo e forma.

Em sua estrutura física a CDU se apresenta em 02 volumes, sendo o primeiro com a Tabela Sistemática e o segundo com o Índice Alfabético. Sendo que na sistemática, ela subdivide-se em outras duas: a tabela principal e as tabelas auxiliares.

Sendo a CDD e a CDU os principais sistemas de classificação adotados no mundo, são eles considerados como classificações de assuntos, apoiando a organização dos documentos nas bibliotecas, e facilitando assim, sua localização nas estantes.

Segue o exemplo de utilização na CDU da tabela principal, das tabelas auxiliares e o uso dos sinais, sendo estes, em alguns casos necessários para completar a classificação:

Figura 03 - Exemplo de utilização da CDU.

<p>6 Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia. Podemos ver como se subdivide:</p> <p>61 Ciências Médicas.          62 Engenharia. Tecnologia em Geral.          63 Agricultura. Silvicultura. Agronomia. Zootecnia.          64 Ciência Doméstica. Economia Doméstica.          65 Organização e Administração da Indústria, do Comércio e dos Transportes.          66 Tecnologia Química. Indústrias Químicas.          67 Indústrias e Ofícios Diversos.          68 Indústrias, Artes e Ofícios de Artigos Acabados.          69 Construção Civil. Materiais de Construção. Prática e Processos de Construção.</p> <p>A subclasse 62 Engenharia. Subdivide-se por sua vez em:</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• 620 Engenharia em Geral. Testes dos Materiais. Energia.</li> <li>• 621 Engenharia Mecânica.</li> <li>• 622 Engenharia de Minas.</li> <li>• 623 Engenharia Naval e Militar.</li> <li>• 624 Engenharia Civil e Estruturas em Geral. Infra-estruturas. Fundações. Construção de Túneis e de Pontes. Superestruturas.</li> </ul>
<p>624 Engenharia Civil divide-se em áreas diferentes que podem por sua vez ser divididas novamente em áreas ainda mais especializadas:</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 624.01 Estruturas e elementos estruturais segundo o material e o processo de construção.             <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 624.011 Estruturas e materiais de origem orgânica.</li> <li>▪ 624.012 Estruturas de alvenaria.                 <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 624.012.45 Estruturas de betão armado.</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• 624.1 Infra-estruturas das construções. Fundações. Construção de túneis.</li> <li>• 624.2/.8 Construção de pontes.....etc.</li> </ul>

Fonte: Brascher (2010, p.157. In: Robredo).

O bibliotecário é o profissional responsável por toda a organização do conhecimento nas unidades de informação, assim, é preparados para realizar o tratamento diante das classificações bibliográficas dispostas nas unidades informacionais, separando os documentos, obedecendo assim à classe de assuntos e às tabelas existentes de acordo com a área distinta de cada material bibliográfico.

Com todo este trabalho os bibliotecários conseguem identificar qual a melhor forma de classificar e agrupar os materiais de acordo com a necessidade de cada unidade de informação.

## 2.4 BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

De acordo com Lemos e Macedo (1974), foi decretado em 1901 o código para funcionamento de bibliotecas nas universidades do país. Foi elaborado com o intuito de facilitar o acesso à pesquisa aos estudantes universitários e as pessoas da comunidade, assim o objetivo principal para o surgimento das bibliotecas universitárias é fornecer apoio ao ensino e a pesquisa. Em 1963, o Conselho Federal de Educação decretou que para a abertura de universidade era necessário à criação de uma biblioteca para o recinto, sendo esta indispensável à pesquisa e a dinâmica do ensino.

Com o passar do tempo, a situação das bibliotecas universitárias não estava ocorrendo de acordo com o pretendido, não houve valorização e reconhecimento, a perspectiva não foi alcançada e os recursos empregados nas bibliotecas não foram suficientes para o andamento das suas atividades. Não houve investimento suficiente para mantê-las em boas condições de funcionamento e utilização. (LEMOS; MACEDO, 1974).

No decorrer dos anos, contudo, a valorização dos espaços da biblioteca universitária foi aumentando e os serviços por elas prestados foram adquirindo força e se tornando cada vez mais indispensáveis às universidades.

Figueiredo (1979, p. 23) descreve qual o papel fundamental da biblioteca universitária:

O papel fundamental da biblioteca (universitária) é de caráter educativo. Não se deve considerar a biblioteca como um simples depósito de livros anexo a uma sala de leitura, mas sim como um instrumento dinâmico de educação. (Este instrumento) deve nutrir a inteligência do estudante, estimular as investigações dos professores, e atrair os quantos adentrem as suas portas a participar plenamente destes recursos intelectuais e culturais. Neste contexto, a utilização da biblioteca se converte em um método de ensino, paralelo ao das classes e dos grupos de discussão tradicionais.

Na organização das bibliotecas universitárias há a necessidade de um planejamento estratégico, Segundo Silva, Schons e Rados (2006, p. 13):

Através da definição do planejamento estratégico, a biblioteca irá identificar pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças, de modo que os pontos fortes sejam utilizados, as oportunidades sejam apoiadas, os pontos fracos eliminados e as ameaças neutralizadas.

Sendo estes pontos primordiais para alavancar a organização da informação, nestas unidades informacionais de ensino superior. Contudo, Barbosa (1969, p.15) faz um relato que diz propriamente esta forma de organização em bibliotecas universitárias:

A melhor maneira de arrumar livros para uso, deve permitir: a) localiza-los dentro da coleção; b) retira-los para consulta, com rapidez; c) devolve-los a coleção, sem dificuldade; d) inserir novos livros aos já existentes, na coleção, sem que percam suas ordens logicas; e) inserir novos livros, de novos assuntos, sem quebrar a sequência do grupo.

Sob esta perspectiva, Silva, Schons e Rados (2006, p. 03) “o valor da informação torna-se cada vez mais importante neste ambiente de processamento acelerado do conhecimento através da aquisição, tratamento e disseminação da informação aos usuários”.

De acordo com (BARBOSA, 1969), avança-se o estudo proposto de realizar um mapeamento nas bibliotecas universitárias, discorrendo as formas de classificação e os métodos mais eficazes para melhor recuperação da informação e melhor agilidade dos serviços prestados nas bibliotecas universitárias.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia é o processo pelo qual são elaboradas todas as etapas da pesquisa, são as delimitações e procedimentos aplicados para chegar ao resultado esperado após a investigação. Assim temos o método sendo:

Um conjunto de procedimentos, cada vez mais elaborado e rigoroso, que visa garantir que os conhecimentos obtidos possuam as necessárias condições de neutralidade, precisão e verificabilidade que lhes garantam a objetividade. (TOMANIK, 2004, p. 64).

De acordo com Cervo (2007, p. 27) “não se inventa um método; ele depende, fundamentalmente, do objeto da pesquisa”, assim todos os procedimentos adotados estão de acordo com os objetivos e justificativas adotados para elaboração deste. Contudo, a metodologia se torna apenas um modelo para a obtenção dos resultados previstos, sendo este, um instrumento para nortear a elaboração da pesquisa.

Sendo assim, segue a abordagem metodológica abordada na presente pesquisa, delimitando o campo, a amostra, a classificação, os instrumentos e técnicas para a coleta de dados, as etapas, o procedimento de análise e por fim o desenho final.

### 3.1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Foram selecionadas para esta pesquisa as bibliotecas universitárias de Anápolis e Goiânia, por serem o ambiente de convívio da autora, sendo que estas bibliotecas são de grande importância para a composição curricular dos cursos de graduação, pós-graduação e ou especialização ofertados nestas instituições. Goiânia por ser a capital do estado de Goiás, onde está situada a Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG), que sedia o curso de biblioteconomia, e Anápolis por ser a cidade do interior de origem da autora, sendo o local de sua residência.

O contexto e realidade das bibliotecas universitárias são distintos dos outros modelos de bibliotecas, por serem cada uma com sua especificidade, algumas com necessidades específicas e outras estruturadas em determinada área do conhecimento, embora outras centradas em obtenção de notas máximas para aprovação de cursos pelo MEC.

De tal modo as bibliotecas universitárias são de total importância no contexto universitário, pois além de ser um incentivo à pesquisa aos estudantes, é também composta por toda a base curricular dos diferentes cursos ofertados nas instituições, visando atender a toda expectativa e necessidade, tanto de alunos quanto de professores. O cuidado da pesquisadora

em selecionar esse campo para a pesquisa considerou – além da vivência da mesma nesse âmbito – as questões ora apresentadas nessa seção.

### 3.2 UNIVERSO E AMOSTRA

Para (TOMANIK, 2004) o universo é o campo que se deseja pesquisar, a descrição da população, sendo que o universo da pesquisa corresponde ao total da população, dos grupos, das comunidades, enfim de todo o público estudado em questão.

Portanto o universo desta pesquisa são as faculdades e universidades em Goiás, ativas na ocasião do levantamento, de acordo com dados do Ministério da Educação e Cultura (MEC), perfazendo um total de 41 instituições de ensino superior nas duas cidades que compõem o escopo da investigação.

O quadro a seguir apresenta as faculdades e centros universitários de Anápolis e Goiânia que foram selecionados:

Quadro 03 - Instituições de ensino superior selecionadas.

	<b>ANÁPOLIS</b>
1.	Centro Universitário de Anápolis - Unievangélica
2.	Faculdade Anhanguera de Anápolis – FAAA
3.	Faculdade de tecnologia GAP - GAP
4.	Faculdade de tecnologia Senai Roberto Mange
5.	Faculdade do Instituto Brasil – FIBRA
6.	Faculdade Metropolitana de Anápolis - FAMA
7.	Faculdade Raízes – SER
8.	Faculdade Tenológica de Anápolis - FTA
9.	Faculdade Univeritas
10.	Universidade Estadual de Goiás – UEG
	<b>GOIÂNIA</b>
11.	Centro Universitário Alves Faria – ALFA
12.	Centro Universitário de Goiás – Uni - Anhanguera
13.	Escola Superior Associada de Goiânia – ESUP
14.	Faculdade ABC de Goiânia – FABC
15.	Faculdade Araguaia – FARA
16.	Faculdade Assembleia de Goiânia
17.	Faculdade Brasileira de Educação e Cultura- FABEC
18.	Faculdade Cambury – Cambury
19.	Faculdade CGESP
20.	Faculdade da Polícia militar – FPM
21.	Faculdade Delta
22.	Faculdade de Tecnologia Senai de Desenvolvimento Gerencial – FATESG

23.	Faculdade de Tecnologia Senai Italo Bologna
24.	Faculdade Estácio de Goiânia – Estácio de Goiânia
25.	Faculdade Estácio de Sá de Goiás – FESGO
26.	Faculdade ICG
27.	Faculdade Lions – FAC-LIONS
28.	Faculdade Noroeste – FAN
29.	Faculdade Padrão – Padrão
30.	Faculdade Pitágoras de Goiânia – FAG
31.	Faculdade Senac Goiás – FacSenacGO
32.	Faculdade Sul Americana – FASAM
33.	Faculdade Unida de Campinas – FACUNICAMPS
34.	Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás – IFITEG
35.	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG
36.	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiano – IFGoiano
37.	Instituto Superior de Educação Padrão – ISE-PADRÃO
38.	Instituto Superior de Ensino Objetivo – IUESO
39.	IPOG – Instituto de pós-graduação e graduação – IPOG
40.	Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC
41.	Universidade Federal de Goiás – UFG

Fonte: Elaborado pela autora,( 2017).

Após selecionar o universo, tem-se que para Cervo (2007, p. 63) “a pesquisa é feita com uma parte representativa da população, denominada amostra, e não com a totalidade dos indivíduos”. Assim a amostra desta pesquisa são as instituições que deram retorno, respondendo o questionário em questão, totalizando 20 instituições, 06 em Anápolis e 14 em Goiânia.

Tomanik (2004, p.158) diz que “você deve estabelecer critérios para selecionar uma amostra, [...], pois nem toda amostra deve ser escolhida aleatoriamente”, assim sendo, foram escolhidas as instituições que responderam o questionário no período de 10 dias, para assim ter tempo hábil posterior para a análise dos dados obtidos.

### 3.3 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa é do tipo descritiva, por analisar e discorrer sobre o serviço de classificação realizado no contexto das bibliotecas universitárias. Assim, afirma-se o conceito estabelecido por Gil (2002, p. 42) no qual descreve que “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial, a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

A pesquisa também se enquadra como qualitativa, sendo que segundo Minayo (2002, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares [...]. Ou seja,

trabalham com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações [...]”.

Para obter maior exatidão e amplitude na obtenção dos dados também se classifica como quantitativa, sendo que Lakatos e Marconi (2011, p. 267) fazem um comparativo das duas instâncias onde fica explícita a diferenciação das duas:

No método quantitativo, os pesquisadores valem-se de amostras amplas e de informações numéricas, enquanto que no qualitativo as amostras são reduzidas, os dados são analisados em seu conteúdo psicossocial e os instrumentos de coleta não são estruturados.

Assim, enquanto o método qualitativo analisa e interpretam os dados, realizando uma análise mais específica da investigação, o método quantitativo por sua vez tem as amostras mais extensas com um maior número de informações. Com base nesta análise de classificação dos dados a pesquisa foi realizada utilizando-se dos dois métodos para obtenção final de resultados.

### 3.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DOS DADOS

Tomanik (2004, p. 163) afirma que “os instrumentos devem visar à obtenção das informações necessárias à pesquisa, e devem se limitar a isto”, sendo estes necessários para a obtenção de um material específico e através deste instrumento sejam retiradas todas as informações necessárias à pesquisa.

Para este estudo em especial foi escolhido o questionário como a técnica para a obtenção dos dados, Severino (2007, p. 125) quando descreve as técnicas de pesquisa, apresenta o que é o questionário:

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos.

Assim, para esta pesquisa foi elaborado um questionário através do *Google Docs*, com perguntas fechadas e abertas, para obter uma amplitude maior de expressão nas respostas obtidas. O formulário para respostas foi encaminhado via e-mail. Assim que estes foram enviados, a autora estipulou que o tempo máximo para obter as respostas seria de 10 dias, sendo analisadas apenas as respostas concedidas nesse prazo e realizando também uma média de interesse por parte dos bibliotecários em cooperar com a pesquisa.

### 3.4.1 Pré-teste

Pré-teste é a aplicação do questionário e ou entrevista a algum membro da amostra a ser investigada, para uma avaliação e averiguação se serão necessárias correções para que, quando a coleta de dados for efetuada, não haja contratempos e ou perceba-se que faltou algo. Santos (2003, p. 236) diz que:

Qualquer que seja o instrumento aplicado para a realização da pesquisa, é importante a testagem das amostras para evitar erros maiores e desvios incontroláveis, quando a coleta de dados estiver sendo realizada. Com o pré-teste é possível melhorar, cortar e incluir questões, após conhecer os resultados práticos.

Após a formulação do questionário e verificação da consistência das perguntas e respostas que seriam obtidas, foi aplicado o pré-teste com a bibliotecária responsável pelo campo de estágio obrigatório no qual se inseriu a pesquisadora, por ser um ambiente universitário e pela proximidade com a mesma.

O questionário foi encaminhado para a bibliotecária escolhida em um momento em que a pesquisadora estava presente para ter o *feedback* já de imediato, sendo este aplicado no dia 30 de setembro de 2017, pelo formulário do *Google Docs*, conforme seria enviado a todos os participantes da amostra.

A bibliotecária respondeu o questionário e no decorrer das perguntas, o que ela não estava compreendendo, já questionou de imediato, sendo que as observações e pontuações foram corrigidas no mesmo instante. Houve também a correção de grafia e escrita em alguns trechos.

A princípio optou-se por deixar apenas as perguntas fechadas como obrigatórias e as abertas como optativas, porém, a partir da aplicação do pré-teste percebeu-se que as pessoas poderiam responder apenas as obrigatórias e deixar as que não são sem respostas. -Sendo assim, o questionário final, foi ajustado, com todas as perguntas de cunho obrigatório. Severino (2007, p.148) descreve que “pode acontecer que, devido a desdobramentos ocorridos durante a pesquisa, se faça necessária uma reformulação do roteiro provisório para o estabelecimento do plano definitivo”.

## 3.5 ETAPAS DA PESQUISA

A primeira etapa foi à escolha das instituições que seriam analisadas, momento no qual a pesquisadora obteve as informações necessárias das instituições de nível superior ativas nas cidades de Anápolis e Goiânia, mediante busca realizada no site do MEC.

A pesquisa foi submetida ao comitê de ética por ser realizada com seres humanos, a fim de não aferir a imagem e a conduta dos contribuintes da pesquisa. Na Plataforma Brasil, foi realizado o cadastro da pesquisa, com o pré-projeto, cronograma, folha de rosto, termo de compromisso, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde foi enviada a análise e devolvido para correções e observações. Foi requerido o envio do termo de anuência para as instituições, solicitando autorização para a pesquisa onde a autora refez, fazendo a justificativa da ausência do termo de anuência, pois a presente pesquisa não obtém dados específicos de cada instituição, mas pesquisa-se o trabalho dos bibliotecários. A pesquisa foi aceita e liberada para continuidade.

Após esta etapa, teve-se a fase da busca pelo contato dos profissionais bibliotecários responsáveis por estas instituições, onde a princípio buscou-se encontrar estes contatos no site das instituições. Houve certa dificuldade, pois em alguns sites não há informação alguma sobre as bibliotecas, assim sendo foi necessário ligar e entrar em contato mais direto com os profissionais.

Há algumas instituições sem a presença do profissional bibliotecário e que, apesar de constarem como ativas, ainda estão em fase de construção. Em alguns lugares os bibliotecários estão de licença e os responsáveis presentes no local não demonstraram interesse em passar o contato do profissional para a pesquisadora. Constataram-se também faculdades que são do mesmo grupo e assim sendo, é o mesmo profissional que responde por todas as bibliotecas. E ao final houve também uma instituição onde não se localizou nenhum contato.

Após todo o processo de busca por contato, foi à vez do envio do questionário, o que ocorreu no dia 02 de outubro de 2017. Com 05 (cinco) dias, no dia 06 de outubro de 2017, havia obtido apenas 1/3 das respostas, sendo assim foi enviado um lembrete para os *e-mails* dos interessados, a fim de obter um resultado suficiente para efetuar a análise dos dados. Com mais da metade das respostas obtidas, no dia 12 de outubro de 2017 a pesquisadora encerrou o período de recebimento de respostas.

Após a escolha da técnica e estruturação do instrumento, o próximo passo foi à aplicação da coleta de dados, Cervo (2007, p. 50) diz que “coleta de dados, corresponde a uma fase intermediária da pesquisa descritiva”. Por ser um processo realizado após todo o planejamento da pesquisa, a definição do tema, justificativas, questões problema, referencial

teórico. Enfim a coleta de dados é dada com base nos objetivos propostos na pesquisa, e o questionário elaborado se dá com base em todas as etapas já realizadas anteriormente.

### 3.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Com base nos objetivos da pesquisa, analisou-se todos os dados obtidos, sendo os gráficos gerados no formulário do *Google Docs*, com o auxílio de uma planilha do Excel, sendo os objetivos da pesquisa utilizados como uma guia para a elaboração do questionário e para a interpretação das respostas obtidas. Utilizou-se a análise dos *Google docs* para retirar os gráficos e a partir destes foi realizada a comparação entre as duas cidades.

Através da sintetização das perguntas abertas foi realizada a análise de acordo com o referencial teórico da pesquisa.

### 3.7 DESENHO DA PESQUISA

O desenrolar da pesquisa permitiu a ligação dos objetivos com os procedimentos de coleta e de análise dos dados, como segue:

Quadro 04- Desenho da pesquisa.

<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>PROCEDIMENTOS DE COLETA</b>	<b>PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE</b>
Identificar os sistemas de classificação nas bibliotecas universitárias de Anápolis e Goiânia	Questionário	Sistematização dos gráficos
Entender as formas de adaptação na classificação empregadas nas unidades de informação	Questionário	Sistematização dos gráficos e análise de conteúdo
Constatar a motivação e funcionalidade da organização do acervo	Questionário	Sistematização dos gráficos e análise de conteúdo

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

## 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

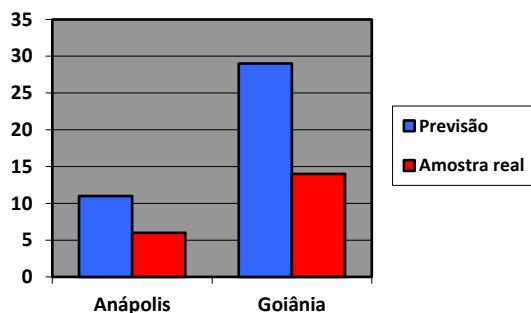
Após o processo da coleta dos dados, tem-se a fase da análise e interpretação para obtenção do resultado esperado no final da pesquisa. Para tanto Gil (2002, p. 168) retrata a análise dizendo que:

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Este capítulo apresenta a análise e discussão dos dados obtidos a partir do questionário aplicado aos profissionais bibliotecários das faculdades de Anápolis e Goiânia. De um total de 41 faculdades selecionadas, obteve-se retorno – no prazo estipulado – de 20 instituições, sobre as quais se desenvolveu a análise.

Em Anápolis, de 10 Instituições, 01 não tem o profissional bibliotecário, 02 contam com o mesmo bibliotecário e 01 não deu retorno. Ao final a somatória de respostas totalizou 06 instituições, sendo atingidos 55% do total esperado. Em Goiânia, de 31 Instituições, em 03 não se conseguiu contato algum do profissional, em 01 o profissional estava afastado de licença maternidade e não se conseguiu o contato, sendo que o resultado final totalizou 14 respostas retornadas dentro do prazo estipulado, que correspondem a 48% das instituições esperadas. Segue o gráfico demonstrando o que se almejava atingir e o que realmente é a amostra do trabalho.

Gráfico 01- Previsão e amostra real da pesquisa, comparativo Anápolis e Goiânia.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

De acordo com Freitas (2000, p. 89):

Questões fechadas: elas facilitam a obtenção de resposta e é mais simples analisá-las. Contudo, ao adotá-las, corre-se o risco de ficar-se **simplesmente cego** (ou limitado) com o que já sabe. O que dá a resposta ao questionário é a sua concepção. Muitas vezes, seria útil não fechar as questões, introduzir no questionário questões abertas, tentando captar alguns dados mais espontâneos, menos previsíveis.

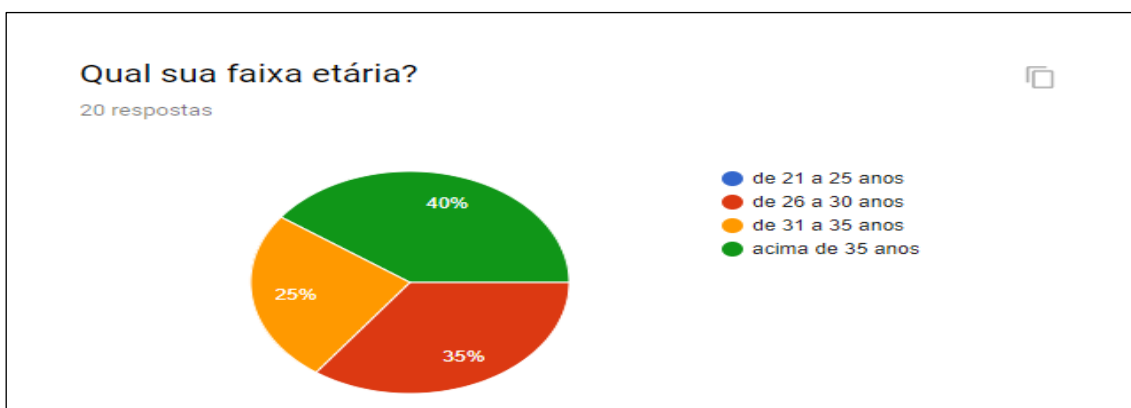
Assim sendo, o questionário aplicado teve perguntas abertas e fechadas, no que se analisaram respostas nos dois contextos. Adotou-se para Bibliotecários de Goiânia – BG e Bibliotecários de Anápolis – BA, buscando não expor os respondentes, pois em determinados momentos há citações com as respostas obtidas dos bibliotecários que contribuíram com a pesquisa.

#### 4.1 CATEGORIZAÇÃO

Este capítulo remete à categorização dos bibliotecários, que reflete o bloco 01 do questionário, fazendo-se um apanhado de faixa etária, sexo, tempo de profissão e tempo de serviço na instituição onde atua.

A primeira questão buscou identificar a faixa etária dos profissionais, para identificar o grau de maturidade de cada um. O gráfico 02 representa a faixa etária dos bibliotecários.

Gráfico 02 - Faixa etária.

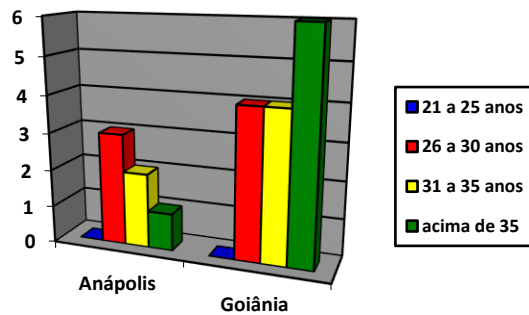


Fonte: Elaborado pela autora (2017)

Conforme se constata no gráfico acima, 40% dos respondentes – o que corresponde a 08 pessoas – declarou ter acima de 35 anos; 35% (07 pessoas) tem de 26 a 30 anos; 25% (05 pessoas) está na faixa de 31 a 35 anos. Nota-se que se trata de profissionais mais maduros, contemplando idade acima de 26 anos.

Segue abaixo no gráfico 03 o comparativo de idade das duas cidades.

Gráfico 03 - Faixa etária, Anápolis e Goiânia.

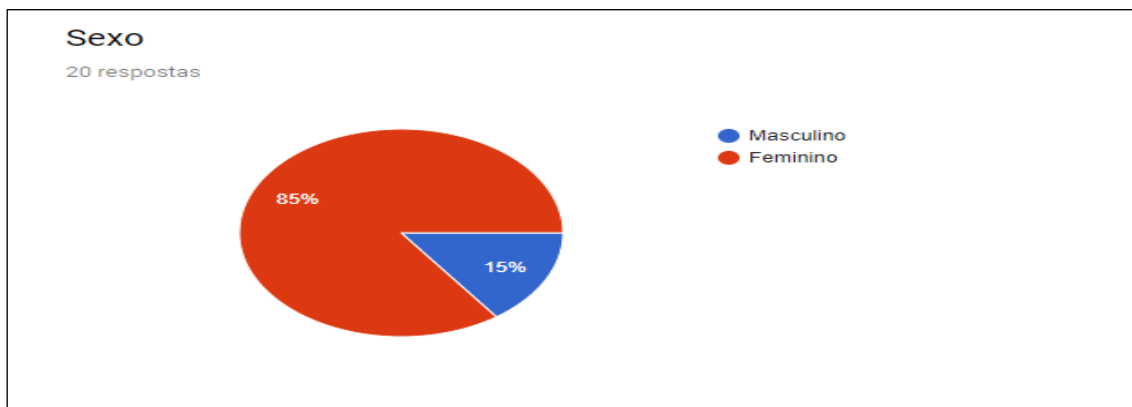


Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Nesta comparação nota-se que predominam profissionais com maior nível de idade em Goiânia. Isto pode indicar mais experiência no campo biblioteconômico.

Ainda nesta fase de categorização, o gráfico 04 representa o sexo dos participantes da pesquisa.

Gráfico 04 - Categorização de sexo.

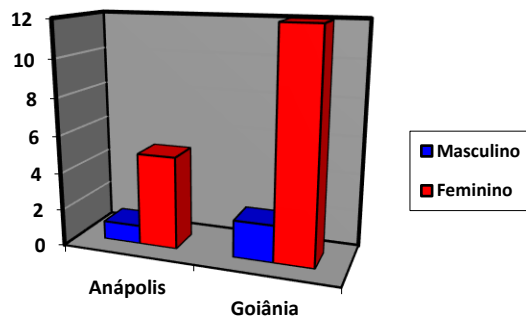


Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Conforme se constata no gráfico acima, 85% dos respondentes – o que corresponde a 17 pessoas – são do sexo feminino e 15% (03 pessoas) são do sexo masculino.

Segue abaixo o gráfico 05 com o comparativo de sexo nas duas cidades.

Gráfico 05- Categorização de sexo, Anápolis e Goiânia.



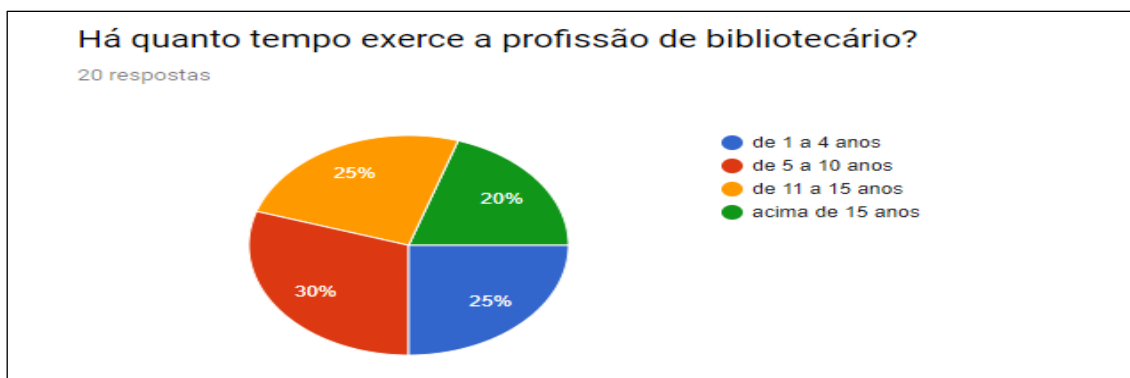
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Com a categorização do gráfico de comparação, em Anápolis tem-se 01 profissional do sexo masculino e 05 do sexo feminino. Em Goiânia tem-se 02 profissionais do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Assim, há a predominância no mercado de trabalho de mulheres, tanto em uma cidade quanto em outra.

Destacando esta predominância no mercado de trabalho, Grogan (2001, p. 12) relata que: “no caso da biblioteconomia, esses fatores incluem o fato de a profissão ser predominantemente feminina, a maioria das pessoas em determinada comunidade (inclusive uma comunidade universitária)”.

Para ter um grau de comparabilidade de tempo de experiência na profissão, foi perguntado aos profissionais, há quanto tempo eles exercem a profissão de bibliotecário. Segue no gráfico 06 a demonstração do tempo em que os profissionais exercem a profissão de bibliotecário.

Gráfico 06 - Tempo que exerce a profissão de bibliotecário.



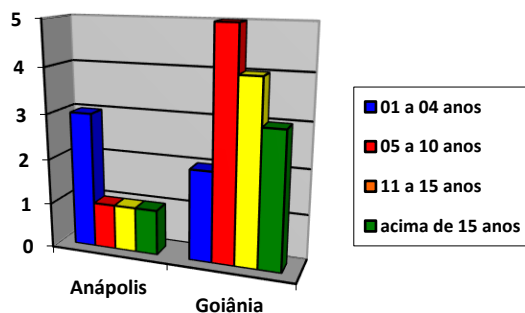
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Conforme se constata no gráfico acima, 25% dos respondentes – o que corresponde a 05 pessoas – declarou ter de 01 a 04 anos de experiência da profissão; 30% (06 pessoas) tem

de 05 a 10 anos de experiência; 25% (05 pessoas) de 11 a 15 anos; e 20% (04 pessoas) têm acima de 15 anos que exercem a profissão. Nota-se que o nível de experiência entre os profissionais está dividido, mesmo sendo profissionais com idade acima de 26 anos, como constatado no primeiro dado de caracterização.

A seguir no gráfico 07, a comparação entre as duas cidades, por tempo que exercem a profissão.

Gráfico 07 - Tempo que exerce a profissão, Anápolis e Goiânia.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

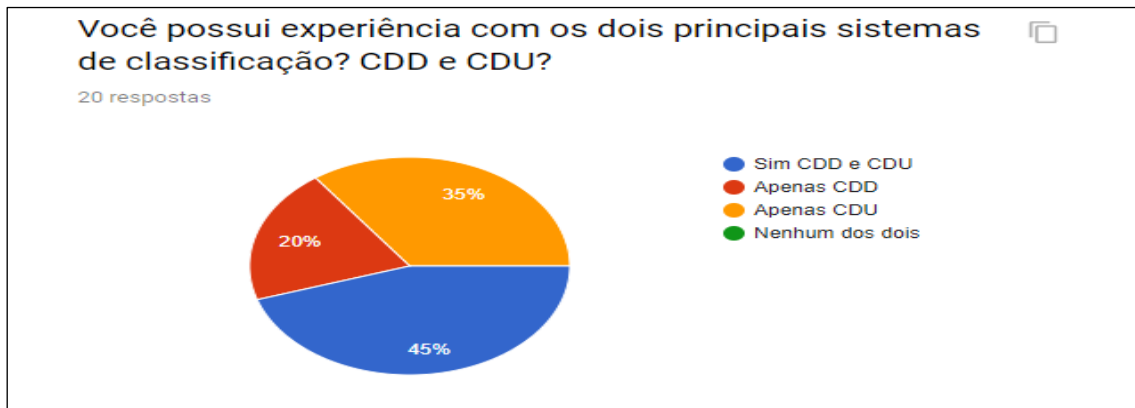
Com o gráfico de comparação, tem-se que em Anápolis a predominância é de profissionais iniciantes na carreira e em Goiânia tem-se uma margem de atuação maior no campo de trabalho. Reforça-se o que foi destacado no início do bloco de categorização, a cerca da maturidade dos profissionais.

## 4.2 CLASSIFICAÇÃO

Este segundo bloco de perguntas remete à classificação, buscando identificar o sistema de classificação adotado nas instituições, tempo de atuação do profissional na instituição e identificação da experiência dos profissionais com os principais sistemas de classificação.

O gráfico 08 remete a demonstração, de experiências com a CDD, CDU ou os dois sistemas.

Gráfico 08 - Experiência com CDD, CDU ou os dois.



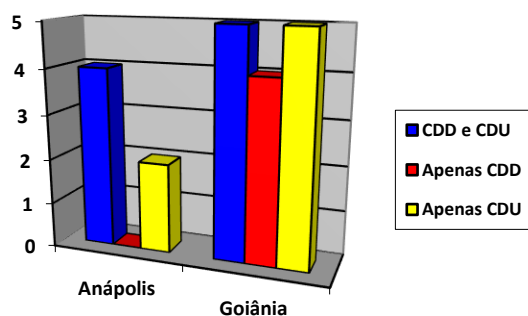
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Conforme constatado no gráfico acima, a maioria dos respondentes 45% – o que corresponde a 09 pessoas – possuem experiência com CDD e CDU; 35% - 06 pessoas possuem experiência apenas com a CDU; e 20% (04 pessoas) apenas com CDD.

Conforme foi citado no referencial teórico, a CDD e a CDU são os principais sistemas de classificação existentes hoje no mundo, sendo que através das respostas obtidas, pode-se verificar que a maioria dos profissionais tem experiência com os dois sistemas de classificação. Pela experiência vivenciada pela autora, observa-se que é de grande importância ter conhecimento e prática com os dois sistemas de classificação, para ter clareza quanto a funcionalidade e condições de aplicação sempre que demandado.

No gráfico 09 segue a comparação de experiência entre as duas cidades.

Gráfico 09 - Experiência com CDD, CDU ou os dois, Anápolis e Goiânia.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

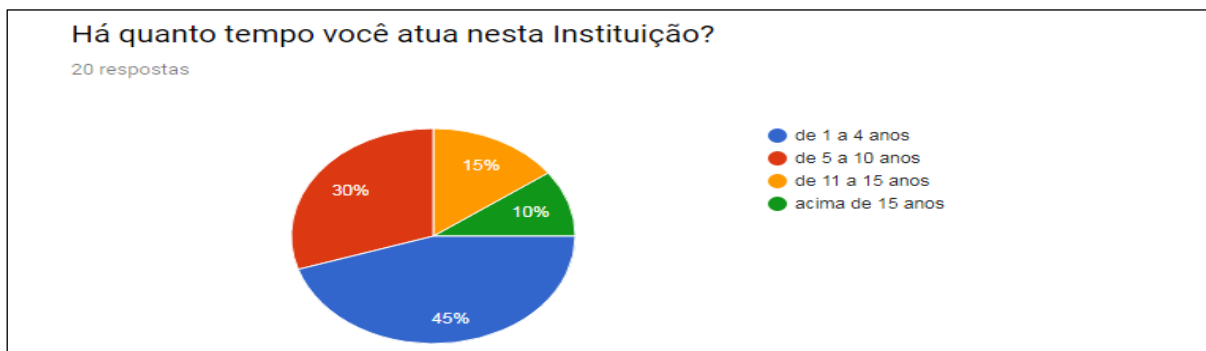
Apesar do grau de experiência com CDD e CDU ser marcante em ambas as cidades, vale ressaltar que na capital Goiânia tem um número relevante de pessoas que conhece somente

um dos dois sistemas. Esta questão pode estar associada com a vivência em unidade de informação com predomínio de um dos sistemas.

Nesta seção procurou-se identificar há quanto tempo os colaboradores atuam na instituição onde trabalham.

O gráfico 10, faz a representação deste percentual, obtido entre os bibliotecários.

Gráfico 10 - Tempo que atua na instituição que trabalha.



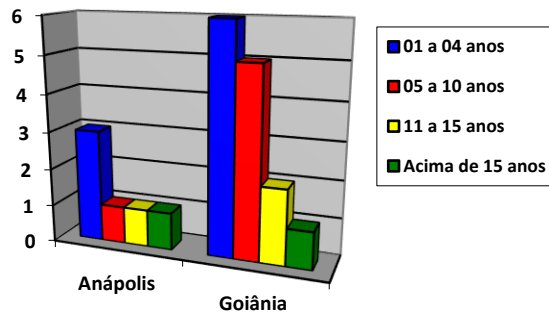
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Para o tempo de atuação na instituição em que trabalham, obteve-se que 45% dos bibliotecários (09 pessoas) têm entre 01 a 04 anos na instituição; 30% (06 pessoas) de 05 a 10 anos; 15% (03 pessoas) de 11 a 15 anos; e 10% (02 pessoas) trabalham há mais de 15 anos na instituição.

Percebe-se que há uma variedade quanto ao tempo de atuação nas instituições, destacando-se profissionais com pouco tempo de permanência nas bibliotecas estudadas. Considerando que a maioria dos profissionais atua há menos de uma década, torna-se compreensível o resultado exposto, reforçando a ideia de que o mercado universitário absorve mais rapidamente os bibliotecários recém-formados.

O gráfico 11, demonstra a comparação de tempo de atuação nas instituições entre Anápolis e Goiânia.

Gráfico 11 - Tempo de atuação na instituição, Anápolis e Goiânia.

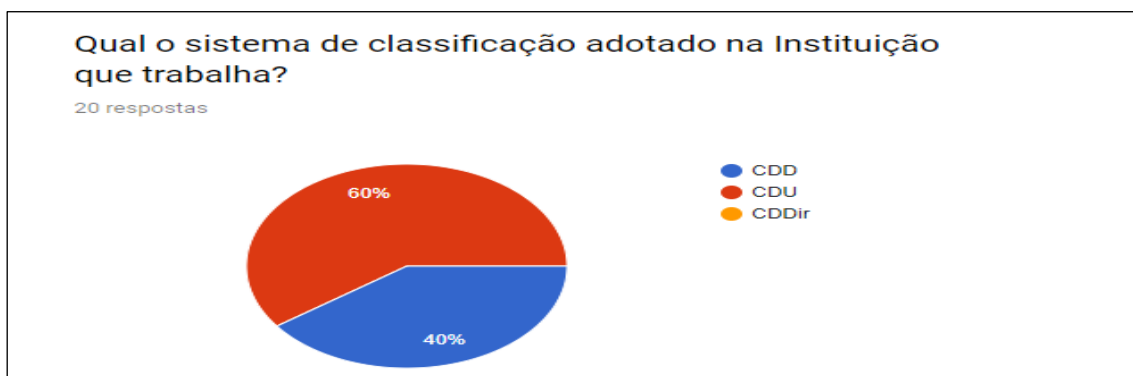


Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O pequeno número de profissionais com maior tempo na biblioteca, apesar de menos expressivo, indica mais conhecimento e técnica para exercer a profissão e realizar o trabalho com mais agilidade sendo extremamente positivo por proporcionar maior assimilação com padrão interno de classificação.

No gráfico 12, perguntou-se qual o sistema de classificação adotado na instituição que trabalham.

Gráfico 12 - Sistema de classificação adotado na instituição que trabalha.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

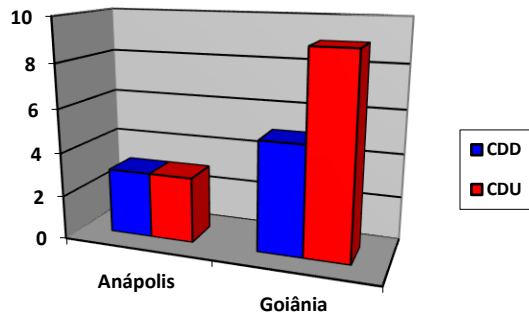
Conforme consta no gráfico acima 60% (12 bibliotecas) utilizam como sistema de classificação a CDU; e o restante 40% (08 bibliotecas) utilizam a CDD. Por haver algumas bibliotecas com acervo específico, foi questionado se alguma delas utilizava a CDDir, que é o código especializado em direito, porém não foi o caso.

De acordo com o que foi citado na revisão de literatura, que os principais sistemas de classificação são a CDD e a CDU, este resultado obtido não foge a regra. As bibliotecas universitárias cujo acervo é focado nas áreas de atuação dos cursos e com teor científico,

acabam por demandar sistemas universais de classificação. Destaca-se ainda para a escolha do sistema a capacidade de síntese, combinação de assuntos e representação de assuntos complexos – no caso da CDU (TÁLAMO 1995) - o que também pode influenciar nesta seleção.

No gráfico 13 destaca a comparação entre as duas cidades, para constar o quantitativo de unidades que utilizam cada um dos sistemas em específico.

Gráfico 13 - Sistema de classificação adotado na instituição que trabalha, Anápolis e Goiânia.



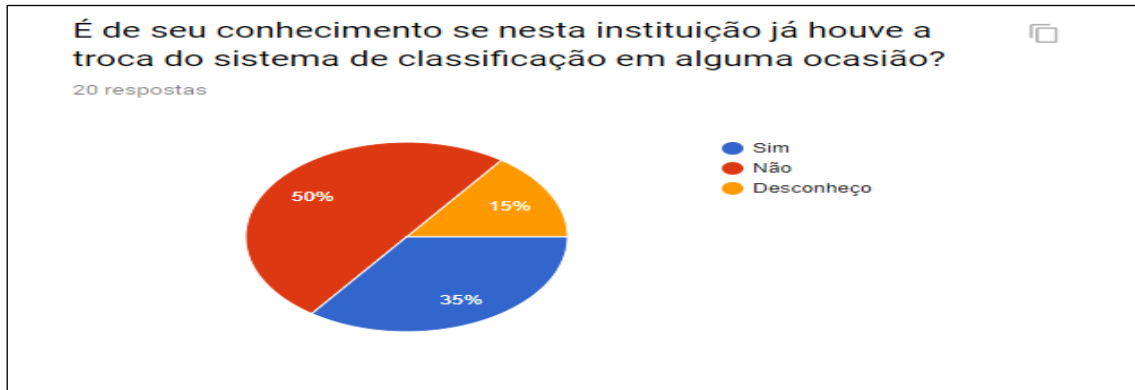
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Com esta comparação pode-se observar que independente de conhecerem os dois sistemas ou não, há uma predominância de uso da CDU, apesar de haver um equilíbrio nos sistemas utilizados em Anápolis. Em bases gerais a CDU é priorizada pela questão do idioma e por permitir expansão e combinação de assuntos (SOUSA, 2010).

#### 4.3 CATEGORIZAÇÃO DOS SISTEMAS NAS INSTITUIÇÕES

Esta seção é para a categorização dos sistemas nas instituições, remetendo ao conhecimento e prática da classificação nas unidades. Em determinados momentos, pode-se perceber que o sistema em uso, pode não ter a mesma funcionalidade que outro, sendo assim para identificar esta questão, foi perguntado se porventura a instituição já realizou a troca do sistema de classificação em alguma ocasião.

Gráfico 14 - Troca do sistema de classificação.

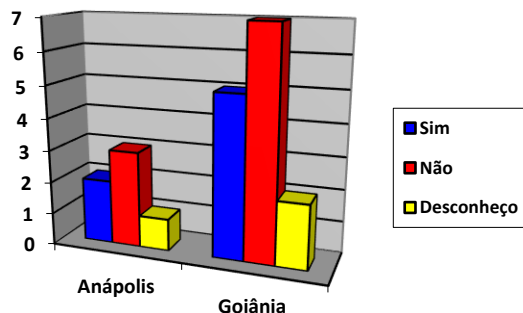


Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Com a demonstração no gráfico acima, percebe-se que 50% dos respondentes – o que corresponde a 10 bibliotecários - disseram que nunca foi trocado; 15% (03 bibliotecários) desconhecem; enquanto 35% (07 bibliotecários) falaram que já houve a troca. Nota-se que para a maioria das unidades permanece o mesmo sistema de classificação desde o início.

No gráfico 15 tem-se a comparação de respostas entre Anápolis e Goiânia.

Gráfico 15 - Troca do sistema de classificação na instituição, Anápolis e Goiânia.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Fazendo a análise da comparação entre as duas cidades, pode-se perceber que há um número considerável de instituições que optaram pela troca do sistema de classificação. Apesar deste cenário ser contraditório por haver um retrabalho para ser executado. Contudo nesta pergunta obteve-se também respostas abertas. Como segue:

**BA1:** “Devido à biblioteca constituir uma rede, para padronização das classificações”.

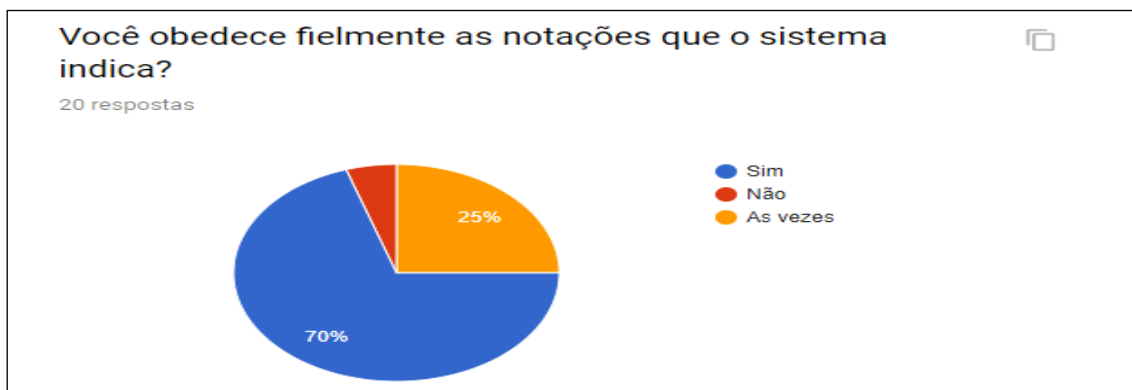
**BA2:** “Devido à mudança de mantenedora”.

**BG1:** “Quando fizemos a migração para o software *Pergamum*, algumas bibliotecas refizeram a classificação ou adotaram a CDU como padrão”.

Com estas respostas percebe-se que em algumas destas instituições, em determinado momento, foi necessário a troca do sistema, motivado pela inserção da biblioteca em uma rede, mudança da mantenedora e troca de software. Com isto percebe-se que a razão é distinta e alheia ao bibliotecário, sempre com a demanda institucional.

Os bibliotecários foram indagados sobre a fidelidade à notação que o sistema fornece. No gráfico abaixo são apresentados os resultados.

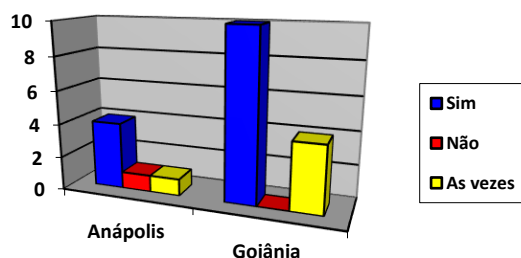
Gráfico 16 - Obedece fielmente a notação que o sistema indica.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Constata-se que 70% que equivale a 14 respostas, seguem fielmente a notação do sistema; 25% (05 pessoas) responderam que às vezes; e 5% apenas, 01 instituição, não segue a notação do sistema. Com isto pode-se dizer que o trabalho de classificação realizado por eles é facilitado, na medida em que não irá demandar os esforços de adaptação e ajustes da notação. Assim no gráfico 17 segue a comparação entre as duas cidades, se obedecem a notação que o sistema indica.

Gráfico 17 - Obedece a notação que o sistema indica, Anápolis e Goiânia.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Os indicam que as bibliotecas universitárias da capital se preocupam mais com o emprego das notações como fornecidas pelo sistema. Apesar de que também há a

predominância de algumas instituições que às vezes seguem o padrão. Indagados sobre quais os tipos de adaptações realizadas na notação obteve-se as seguintes respostas:

**BG01:** “Eu procuro fazer classificações as mais gerais, pois a CDU é complexa e para o usuário um número grande o desmotiva a procurar informação, ficando ele dependente do bibliotecário”.

**BG08:** “Depende do assunto abordado no livro”.

**BG12:** “Sim, apenas adaptamos publicações de autores locais ou do estado, para dar mais destaque”.

**BA02:** “Às vezes uso uma classificação geral”.

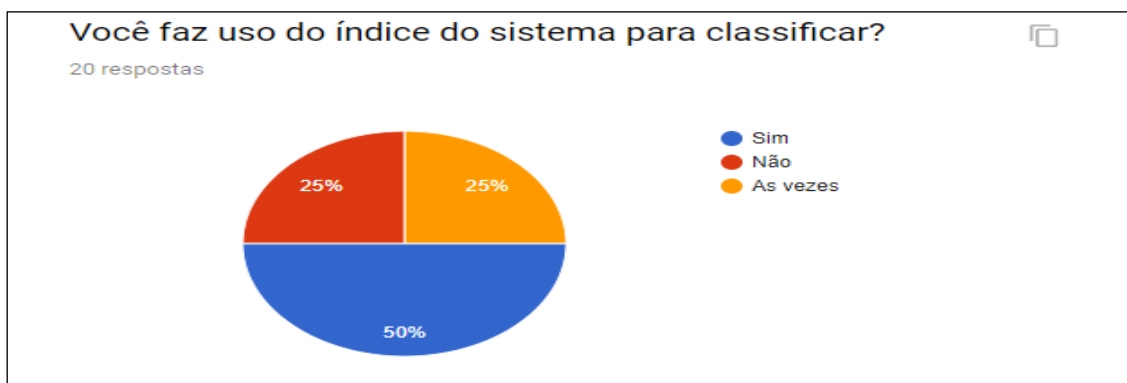
**BA03:** “Utilizamos as auxiliares de forma, lugar, raça e língua”.

**BA05:** “Reorganização para melhor identificação na estante”.

Constataram-se diversas adaptações, relacionadas ao uso da classificação mais geral, a adaptações para evidenciar autores locais e a melhor identificação do item. O fato de haver algumas adaptações reflete uma preocupação do profissional em representar devidamente o material e favorecer seu manuseio.

O próximo questionamento é se fazem uso do índice do sistema para classificar.

Gráfico 18 - Uso do índice do sistema para classificar.



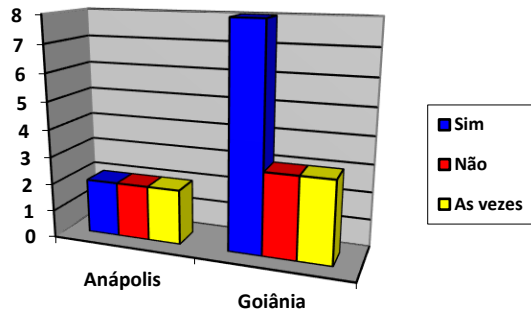
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O gráfico demonstra que 50% (10 bibliotecários) utilizam o índice; 25% (05 bibliotecários) responderam que não fazem o uso do índice; e 25% (05 bibliotecários) disseram que às vezes utilizam o índice do sistema.

Com um olhar de quem já realizou este serviço em uma biblioteca universitária, percebe-se que nem sempre há esta necessidade de utilização do índice, por se tratar em alguns casos, de assuntos já existentes no acervo, tendo assim a opção de utilizar a mesma notação já empregada em outros materiais. Além disto, a experiência dos bibliotecários pode ser um indicativo para este tipo de situação.

Segue no gráfico 19 a comparação entre as duas cidades.

Gráfico 19 - Uso do índice do sistema para classificar, Anápolis e Goiânia.

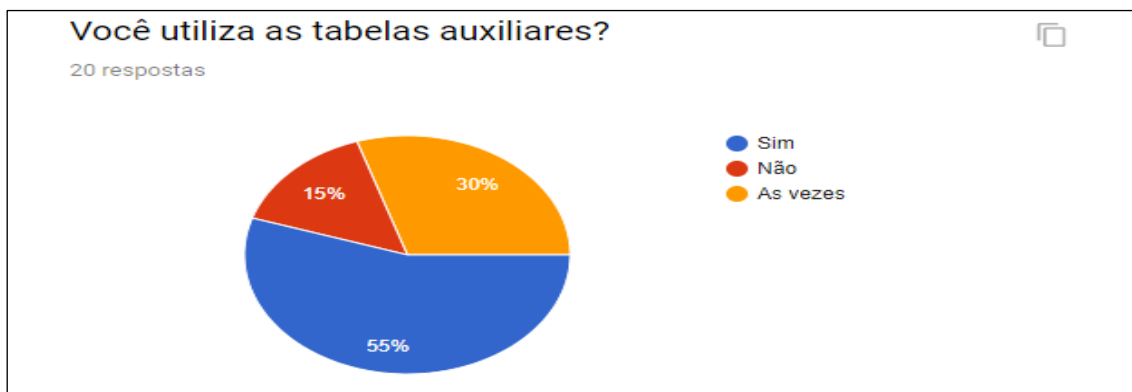


Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Com esta comparação percebe-se que em Anápolis há um equilíbrio quanto à utilização do índice, e em Goiânia há a certa dependência quanto ao uso índice.

No próximo questionamento, foi perguntado se os profissionais utilizam as tabelas auxiliares.

Gráfico 20 - Utilização as tabelas auxiliares.



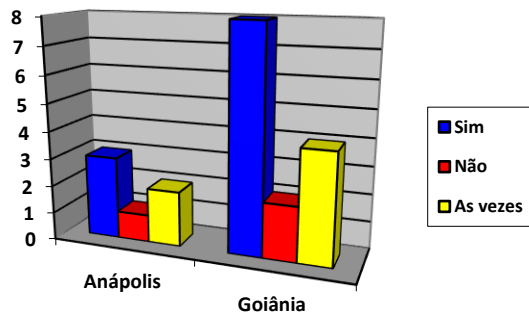
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Conforme se constata no gráfico acima 55% (11 pessoas) responderam que sim, que utilizam as tabelas auxiliares; 15% (03 pessoas) responderam que não; e 30% (06 pessoas) às vezes. Sendo assim não são todos os profissionais que utilizam as tabelas para classificar.

De acordo com Barbosa (1969, p. 206), “para dar maior expansão às notações, todos os sistemas apresentam tabelas auxiliares, sendo as de forma, língua, tempo e local as mais comuns”. Observa-se assim um número expressivo de unidades cujo principio de expansão com tabelas auxiliares não é adotado, apesar das inúmeras possibilidades para tal.

A seguir no gráfico 21 o comparativo entre as duas cidades, Anápolis e Goiânia, demonstrando onde se utiliza mais ou menos as tabelas auxiliares.

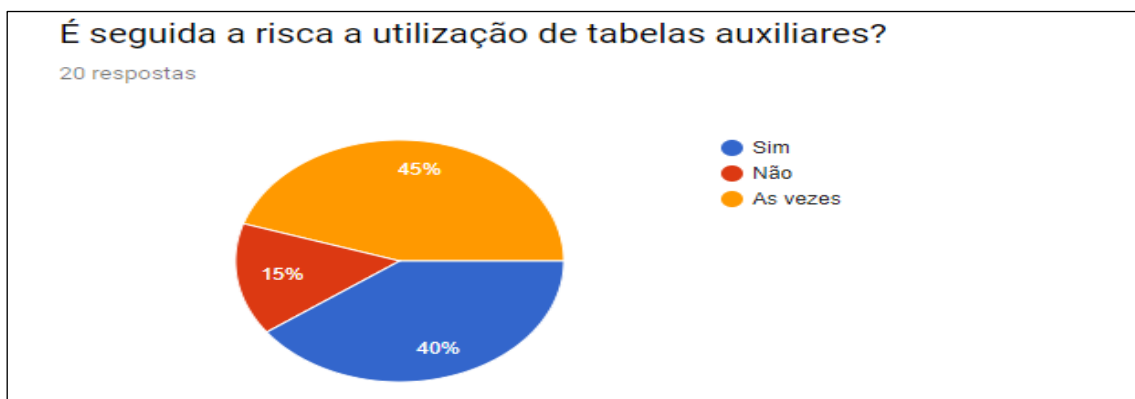
Gráfico 21- Utilização das tabelas auxiliares, Anápolis e Goiânia.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Nota-se certa variação entre as duas cidades, no que se diz respeito à utilização das tabelas auxiliares. Vinculando com a questão seguinte, se seguem a risca as tabelas auxiliares, tem-se:

Gráfico 22 - Segue a risca a utilização das tabelas auxiliares.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

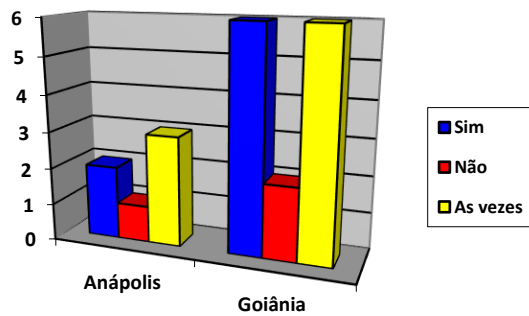
Conforme consta no gráfico acima, 45% (09 pessoas) às vezes seguem a risca o que as tabelas fornecem; 40% (08 pessoas) seguem sempre a risca; e 15% (03 pessoas) não seguem.

Portanto, através da comparação das respostas obtidas nos gráficos 21 e 22, verificou-se que as mesmas pessoas que não utilizam as tabelas auxiliares, foram as que responderam que não seguem a risca a utilização das tabelas. Para as que sempre utilizam as

tabelas e as que utilizam às vezes, o destaque maior é para o emprego relativo das auxiliares, demonstrando uma flexibilidade na classificação destas unidades.

O gráfico 23 demonstra a comparação entre Anápolis e Goiânia, do questionamento se seguem a risca a utilização das tabelas auxiliares.

Gráfico 23 - Segue a risca a utilização das tabelas auxiliares, Anápolis e Goiânia.

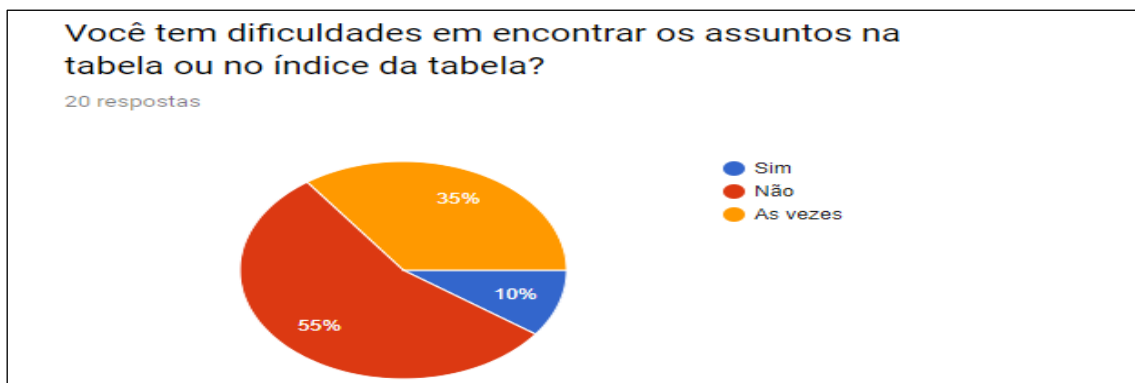


Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Através desta comparação percebe-se que em Goiânia há a utilização mais expressiva e atenta das tabelas. Isto pode evidenciar a maior concentração de cursos e conseqüentemente acervos maiores, o que exige uma classificação mais específica com uso de auxiliares.

Na questão seguinte foi questionado se os profissionais têm dificuldades em encontrar os assuntos na tabela ou no índice da tabela.

Gráfico 24 - Dificuldade em encontrar os assuntos na tabela ou no índice da tabela.



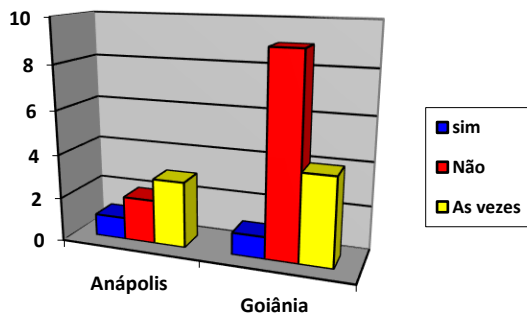
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Conforme o gráfico 24, 55% - correspondente a 11 pessoas - disseram que não têm dificuldade em encontrar os assuntos na tabela ou no índice; 35% (07 pessoas) às vezes

encontram dificuldades; e apenas 10% (02 pessoas) encontram dificuldades em encontrar os assuntos na tabela.

No gráfico 25 segue a comparação entre Anápolis e Goiânia, se os bibliotecários tem dificuldade em encontrar assuntos na tabela.

Gráfico 25 - Dificuldade em encontrar assuntos na tabela, Anápolis e Goiânia.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O destaque nesta comparação é que o numero expressivo de bibliotecários costuma ter duvidas no manuseio dos sistemas, uma vez que ambas as cidades a opção às vezes recorrente. Apesar da experiência dos profissionais das bibliotecas estudadas ainda há alguns que encontram dificuldades em encontrar os assuntos nas tabelas, o que demonstra que a classificação é muito determinada pelo uso contínuo da tabela.

Para este questionamento foi realizada a pergunta aberta, para que eles pudessem destacar quais as outras dificuldades encontradas durante a classificação, dando assim a oportunidade para que os profissionais pudessem se manifestar a respeito da questão.

Aos que responderam que não tem dificuldades, preferiram não opinar, porém há algumas respostas relevantes:

**BG01:** “Assuntos, ou temas atuais não se encontra. As atualizações da CDU são feitas a cada 10 anos e acho isso um grande erro. As atualizações deveriam ocorrer a cada 3 ou 2 anos. Também falta tornar a CDU mais palatável tanto para o bibliotecário, quanto para o usuário”.

**BG02:** “Assuntos muito novos temos que fazer aproximações”.

**BG05:** “Encaixar um novo assunto que ainda não há número específico para ele”.

**BG09:** “Nossa base possui a CDD integrada, mas ainda faltam várias classificações, assim dificulta a classificação de novos materiais. A instituição possui apenas 01 exemplar da CDD que fica rotativa nas diversas unidades”.

**BG11:** “Com a crescente informacional, às vezes nos deparamos com assuntos ainda não catalogados”.

**BG13:** “Assuntos que não são referenciados e quando é feita a adaptação o número fica muito extenso”.

**BA03:** “O índice é incompleto”.

**BA04:** “A CDD é simples, mas às vezes há limitações quando o assunto é muito específico ou quando a obra abrange muitos assuntos de mesma hierarquia”.

**BA06:** “Apenas encontrar o assunto”.

Conforme observado os bibliotecários destacam ausência de assuntos novos, atualização das tabelas, extensão dos números, incompletude do índice e falta do volume físico dos sistemas. Todos os elementos destacados são intrínsecos aos sistemas.

Para Nunes e Tálamo (2009, p.39):

Os sistemas sofrem mudanças ao longo dos tempos, pois novos assuntos surgem no imenso universo do conhecimento humano. Recebem sugestões dos pesquisadores de novos assuntos a serem inseridos nas tabelas, e as comissões se encarregam de fazer os novos acréscimos. As tabelas da CDD e CDU já sofreram correções e há uma variação de notação de uma edição para outra em alguns campos de assuntos.

Na questão seguinte foi questionado com os profissionais, se na unidade em que atuam há a necessidade de alguma adequação na classificação em que adotam.

Gráfico 26 - Necessidade de adequação na classificação adotada.

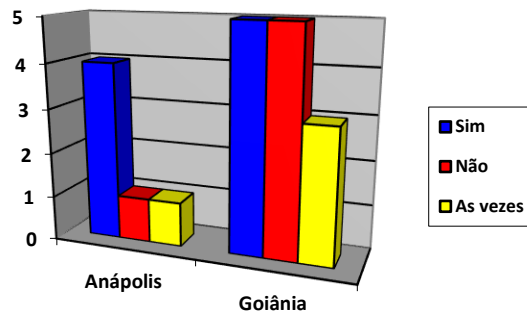


Fonte: Elaborado pela autora (2017).

De acordo com o gráfico 26, 45% 09 respondentes, realizam adequações na classificação; 35% (07 pessoas) não realizam adequações; e 20% (04 pessoas) às vezes necessitam fazer algumas adequações. Nota-se certa proximidade entre os profissionais que consideram necessário fazer ajustes e os que não vêm esta demanda.

No gráfico 27 tem-se o demonstrativo de comparação entre Anápolis e Goiânia, se há a necessidade de adequação na classificação.

Gráfico 27 - Necessidade de adequação na classificação, Anápolis e Goiânia.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A maioria dos profissionais realiza algum tipo de adequação no sistema, sendo que em Goiânia algumas instituições fazem de forma aleatória, dependendo da necessidade.

Com isto foi realizado nesta pergunta o questionamento para que pudessem fazer as considerações a respeito das adequações. A seguir as respostas:

**BA01:** “Pensar na organização para o usuário encontrar o assunto e nem sempre a classificação que a CDD indica seria a mais indicada na disposição da estante”.

**BA04:** “Colocamos uma letra para identificar uma coleção específica”.

**BA05:** “Junção de assuntos”.

**BG02:** “Aproximações de assuntos”.

**BG05:** “Conseguir adotar uma classificação padrão para um assunto não existente na tabela”.

**BG14:** “Não acho correto fazer adequações. Mesmo que seja uma biblioteca pequena”.

**BG12:** “Publicações de autores goianos, por exemplo, acrescentamos letras ao número de classificação para que possamos agrupá-las a um mesmo local e dar mais destaque a estas publicações”.

**BG13:** “Sim, existem alguns assuntos que não são encontrados e surge a necessidade de fazer uma série de adequações”.

A maioria destaca que as adequações necessárias são as relacionadas a junção ou adequação de assuntos por motivos diversos ora não encontrados no código, CDD ou CDU, ou para evidenciar algum autor em específico e ou coleção. Como também pensando na praticidade para o usuário recuperar a informação.

Outro questionamento foi a cerca da motivação que levou a tal adequação e adaptação no sistema de classificação desta unidade. Assim sendo as respostas foram:

**BA01:** “O Usuário e a recuperação da informação”.

**BA05:** “Simplificar para melhor recuperação”.

**BG01:** “A biblioteca é pequena e pensei na comodidade dos usuários ao buscarem os livros, já que o acervo é pequeno e focado nas áreas de administração pública e educação”.

**BG03:** “Sistema de gestão de bibliotecas ineficiente e para facilitar busca do usuário”.

**BG08:** “Facilitar a busca na estante pelos alunos”.

**BG12:** “Poder agrupar certas publicações locais e do estado para que possam ter mais destaque no acervo”.

**BG13:** “A falta de identificação do assunto no sistema de classificação”.

É recorrente a motivação relacionada ao usuário e a recuperação da informação. A maioria dos profissionais pensa na praticidade dos usuários, o que está em conformidade com o princípio da classificação que é feita para fins de localização dos usuários.

Foi questionado também se havia necessidade de estabelecer algum tipo de classificação diferenciada para atender uma necessidade específica de parte do acervo.

As respostas foram diversificadas entre sim e não, e em algumas houve as justificativas:

**BG01:** “Não, para coleções especiais geralmente adoto uma classificação diferenciada ou adapto às necessidades da biblioteca. Procuo usar a CDU, porém penso como o usuário buscaria aquela informação”.

**BG02:** “Na realidade essa situação ocorre em relação aos livros de série que no meu caso cadastro por coleção e não por título da obra e por consequência o assunto principal muda um pouco também”.

**BG06:** “Sim, determinei lugar específico para coleção especial de Direito, que são os clássicos, e as obras de referência que ficam em lugar diferente das outras obras, ficam todos juntos”.

**BA04:** “Há a coleção de autores goianos que tem uma letra em sua identificação”.

**BA05:** “Não é adotada a mesma forma, algum tipo de assunto é classificado seguindo o código fielmente, outros não, em outros se agrupa, simplifica”.

**BA06:** “Não. Em obras de referências é colocado o R antes do número de classificação”.

A partir destas colocações dos bibliotecários, verifica-se que as adequações às vezes são realizadas e outras vezes não, onde há alguns destaques em coleções especiais e em algumas obras específicas, como é o caso das obras de referência e autores goianos, em que é agregada a letra representativa destes acervos. Além do que se observa a alocação específica de determinado acervo, o que também auxilia na individualização e identificação destes materiais.

Pensando em qual a disposição do acervo nas bibliotecas foi questionado se o acervo é fechado ou aberto, e se havia algum motivo para tal.

**BG01:** “O acervo é aberto, pois o intuito é o usuário buscar a informação de forma independente, para que além de encontrar a informação desejada ele possa descobrir outros inúmeros assuntos/temas”.

**BG02:** “Aberto. Preferência do MEC”.

**BG03:** “Aberto. O usuário precisa ter autonomia em suas pesquisas”.

**BG05:** “Acervo geral é aberto, periódicos e coleções especiais é fechado devido a especificidade do material”.

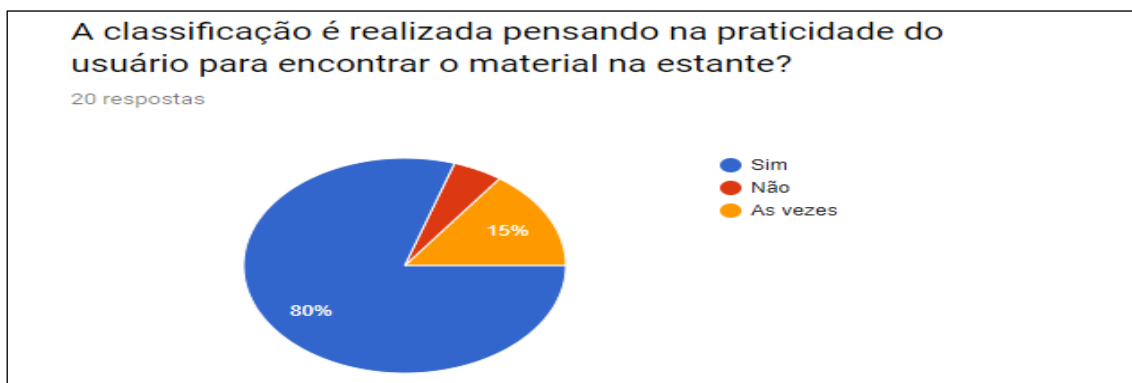
**BG06:** “O acervo é aberto. Definição do dono da instituição. Como bibliotecária, acredito ser o melhor sistema. Nossa mentalidade é que o aluno precisa ter liberdade para pesquisar, ainda que estamos dispostos a ajudar conforme a necessidade”.

**BG12:** “Aberto, pois assim o usuário tem mais liberdade em seus levantamento e pesquisas bibliográficas”.

Apenas duas unidades responderam que o acervo é fechado e as demais destacaram que o acervo é aberto, pelas seguintes razões: para busca independente e autônoma do usuário, por conta da preferência do MEC, e pela exigência do dono da instituição. Todas refletem a preocupação com o usuário ou questão administrativa da faculdade.

A questão seguinte indagou se a classificação é realizada pensando na praticidade do usuário para encontrar o material na estante.

Gráfico 28 - A classificação é realizada pensando na praticidade do usuário para encontrar o material na estante.

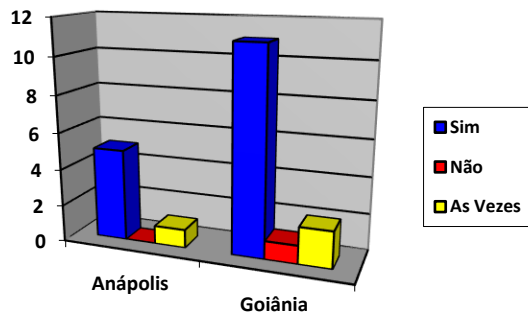


Fonte: Elaborado pela autora (2017).,

Conforme o gráfico 28, 80% (16 pessoas) responderam que o foco é o usuário; apenas 5% (01 pessoa) disseram que não; e 15% (03 pessoas) disseram que às vezes se pensa no usuário para realizar o trabalho de classificação. Assim, a maioria dos profissionais realiza seu trabalho na biblioteca pensando na praticidade do usuário.

No gráfico 29, segue a comparação entre Anápolis e Goiânia, se a classificação é realizada pensando na praticidade do usuário para encontrar o material na estante.

Gráfico 29 - A classificação é realizada pensando na praticidade do usuário para encontrar o material na estante, Anápolis e Goiânia.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A partir das respostas, pode-se relatar que nas duas cidades há a preocupação com a recuperação da informação, uma vez que estabelecida uma classificação próxima do usuário, haverá facilidade no acesso, sendo assim este mais independente.

Grogan (2001, p. 15) relata a sua posição a respeito do usuário universitário, onde:

O usuário universitário deve resolver suas próprias questões e não o bibliotecário porque: a) Somente ele realmente sabe do que necessita. b) A busca da resposta, com o refinamento da questão que isso implica, faz parte integral do processo de pesquisa. c) Somente ele pode aferir a utilidade do material que recuepra.

No processo de classificação, indagou-se se haviam enxergado a necessidade de agrupar assuntos para facilitar a recuperação da informação. Nas respostas obtidas, apenas 01 profissional respondeu que não e a maioria que sim, algumas respostas curtas e outras um tanto complexas, sendo assim seguem as de maior relevância:

**BA01:** “Sim, porque dependendo do assunto em que é classificado o assunto fica distante/separado da localização em que o usuário iria procurá-lo, dificultando a recuperação dessa informação”.

**BA04:** “Alguns assuntos próximos são agrupados para facilitar a localização do título pelo usuário”.

**BG02:** “Sim, pois como a biblioteca tem assuntos muito específicos, os livros geralmente são comprados para atender alguma demanda de algum setor. Por isso vale agrupá-los pensando na comodidade do usuário ao buscar a informação”.

**BG04:** “Sim, porque quando há essa necessidade de agrupar é justamente para facilitar a recuperação”.

**BG09:** “Sim. Materiais da área de tecnologia muitas vezes cobrem diversos assuntos, assim é preciso analisar qual assunto terá maior procura para uma melhor classificação e localização posterior”.

**BG12:** “Sim, pois temos que pensar antes de tudo na forma como o usuário buscaria esta informação, agrupar certas publicações economiza tempo do usuário e da pessoa que venha a atendê-lo”.

**BG13:** “Sim. Para ter uma numeração mais específica o que facilita a organização e recuperação”.

Assim percebe-se que os bibliotecários entendem a necessidade de agrupamento de assuntos pelas seguintes razões: junção ou aproximação de materiais com o mesmo assunto, agrupamento para facilitar a recuperação, e mesmo a síntese para obtenção de numeração mais específica.

Constata-se aqui que a questão central e evidenciada no presente estudo é de fato considerada no contexto universitário, ou seja, formas distintas de classificação, adequações e agrupamentos são estabelecidos para atender a propósitos relacionados à localização, acesso e utilização do acervo por parte dos usuários. Não há uma imposição única dos preceitos estabelecidos nos sistemas decimais.

O último questionamento com os profissionais foi sobre a funcionalidade da classificação e em que medida a mesma favorece a busca. Obtiveram-se algumas respostas simples, onde responderam apenas Sim, e outras com algumas considerações, onde se destaca as de maior relevância:

**BA02:** “Nem sempre. Se fosse classificado por curso facilitaria a busca nas estantes e no sistema”.

**BA04:** “Atende, mas sempre tem que ter junto o treinamento de usuários para que os mesmos entendam a organização da biblioteca”.

**BA05:** “Com certeza, e sempre que há a necessidade, nós reorganizamos para ficar mais fácil a recuperação da informação e para localização do material no todo”.

**BG03:** “É funcional, atende as necessidades, mas os funcionários não entendem a importância e fazem de qualquer forma”.

**BG05:** “Considero que nenhum sistema é perfeito, sempre tem que ver avaliado e fazer as adequações necessárias”.

**BG06:** “A classificação é funcional, atende muito bem a organização do acervo. A equipe é treinada e tem a responsabilidade de manter o acervo sempre organizado para facilitar a pesquisa”.

**BG10:** “Sim. (nosso acervo é fechado) temos 84 bibliotecas no Brasil (nossa central fica no Rio de Janeiro), um grupo de bibliotecários realiza o processo de catalogação e classificação. Nosso sistema é compartilhado, quando fazemos a busca já encontramos os livros na base, pois os currículos dos cursos são iguais, portanto todos os livros são encontrados em todas as bibliotecas, nem precisamos utilizar a CDD”.

**BG13:** “Sim, precisa de ajuste como qualquer sistema de classificação mas atende as nossas necessidades no momento e contribui com a recuperação da informação”.

Percebe-se que a funcionalidade é enxergada até porque viabiliza a recuperação da informação e segundo se observa nas respostas a cima atende à organização do acervo. Vale ressaltar a displicência de certos funcionários na condução da classificação, segundo destacado

por um dos respondentes, que a fazem de qualquer forma. Destaca-se também a questão do treinamento de usuários para facilitar na busca de materiais, que foi indicada em uma das respostas.

Com estas respostas constata-se uma motivação para classificação muito relacionada à facilidade para o usuário, sendo o discurso praticamente de todos os bibliotecários. A própria funcionalidade da organização do acervo está alinhada a esta questão, sendo a visão comum a de que os estabelecimentos das notações devem ser adotados a com base no propósito da busca pela informação.

## **5 CONCLUSÃO**

O presente estudo buscou analisar e mapear as formas de classificação das bibliotecas universitárias de Anápolis e Goiânia. Vale ressaltar que a coleta não foi realizada

com o montante geral das instituições, uma vez que não se obteve contato com todas as unidades e não houve interesse por parte de alguns dos profissionais em contribuir com a pesquisa.

A partir da experiência prática da autora foi levantado o assunto para estudo, sendo que no primeiro objetivo buscou-se identificar os sistemas de classificação nas bibliotecas universitárias selecionadas. A constatação feita no estudo está em conformidade com a percepção comum de que a CDU é mais utilizada, apesar dos profissionais que atuam nestas terem em sua maioria experiência nos dois principais sistemas de classificação, CDD e CDU.

A opção pela utilização destes sistemas nas instituições não depende única e exclusivamente dos bibliotecários, uma vez que as próprias instituições já dispõem de uma rede de bibliotecas que já utilizam estes sistemas, o que não impede que adequações sejam realizadas como constatado no objetivo dois.

O segundo objetivo foi para entender as formas de adaptação na classificação empregadas nas unidades de informação. Em algumas instituições estas adaptações não são realizadas e em outras que são, visam à uniformidade de disposição de assuntos, ora que em algumas foi citado que com a criação de assuntos novos, há a necessidade de agrupamento dos mesmos, sendo assim realizado este processo para facilitar a recuperação.

Em alguns casos os profissionais dispõem em determinadas coleções de colocações especiais para separar estes acervos dos demais. É o caso de uma biblioteca, em que evidencia os autores regionais, sendo assim, estes são todos catalogados de forma uniforme para melhor recuperação da informação e identificação dos usuários destes materiais.

O terceiro objetivo foi para constatar a motivação e funcionalidade da organização do acervo, sendo que a maioria dos profissionais ressalvas que realizam o trabalho pensando na praticidade do usuário, onde este é o principal motivador para a organização dos materiais dispostos nas unidades informacionais. Há, portanto uma preocupação do profissional com uma classificação flexível e acessível a quem utiliza o acervo.

Sendo os usuários o foco das unidades informacionais, não há porquê os profissionais realizarem seu trabalho pensando em dificultar a recuperação dos materiais bibliográficos, uma vez que a utilização de notações muito complexas dificulta para o usuário encontrar, podendo este ter que depender dos profissionais que trabalham nas bibliotecas, tanto os bibliotecários quanto os auxiliares, ou até mesmo ter desânimo em ir até a estante para tentar encontrar o que necessita.

Ressalva-se para esta pesquisa que apesar dos sistemas de classificação serem completos, e atenderem as unidades informacionais, sempre há a necessidade de algum ajuste

para facilitar tanto o trabalho dos profissionais, quanto para facilitar a recuperação da informação para os usuários destas unidades.

### 5.1 SUGESTÃO DE ESTUDOS FUTUROS

Sugere-se que o estudo tenha continuidade para seguir analisando e verificando, se realmente há um padrão específico entre as bibliotecas para a condução da classificação. E para realização da pesquisa a partir da perspectiva do usuário no contexto da biblioteca, novos estudos podem ser relevantes.

## REFERÊNCIAS

ALVARES, Lillian (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores, 2012.

ANJOS, Liane. **Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia e na biblioteconomia: uma visão histórico-conceitual crítica com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ USP, 2008.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos teóricos da classificação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 22, p.117-139, 2006. Semestral.

BARBOSA, Alice. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969.

CAFÉ, Lígia; SALES, R. Organização da informação: Conceitos básicos e breve fundamentação teórica. In: Jaime Robredo; Marisa Bräscher (Orgs.). **Passeios no Bosque da Informação: Estudos sobre Representação e Organização da Informação e do Conhecimento**. Brasília DF: IBICT, 2010. 335 p.

CERVO, Arnaldo Luiz; BERVIAN, Alcino Pedro; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CUTTER Sanborn. Disponível em: <http://www.amormino.com.br/cutter-sanborn/cutter6.html>. Acesso em Abr. 2017.

FIGUEIREDO, Nice. Bibliotecas Universitárias e Especializadas: paralelos e contrastes. **Revista Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, v.7, n.1, jan./jun. 1979.

FRANCELIN, Marivalde Moacir; PINHO, Fabio Assis. **Conceitos na organização do conhecimento**. Recife: UFPE, 2011.

FREITAS, Henrique. Análise de dados qualitativos: aplicações e as tendências mundiais em Sistemas de Informação. São Paulo/SP: **Revista de Administração da USP, RAUSP**, v. 35, n. 4, Out-Dez. 2000, p.84-102.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROGAN, Denis Joseph. **A prática do serviço de referência**. Trad. Antônio Brinquet de Lemos. Brasília: Brinquet de Lemos, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade Marconi. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LANGRIDGE, Derek. **Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

LEMO, Antônio Agenor Briquet de; MECEDO, Vera Amália Amarante. A posição da biblioteca na organização operacional da universidade. **Revista Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, v. 2, n.2, jul./dez. 1974.

LENTINO, Noêmia. **Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971.

MACULAN, Benildes Coura. **Classificações Bibliográficas uma Introdução**. 2013. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/BeCoura/classificacoes-bibliograficas-uma-introducao>> Acesso em: Mai. de 2017.

MERRILL, W. S. **Código para classificadores**. Buenos Aires: Kapelusz, 1958.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, Fernanda. Organização da informação: proposta de elementos de arquitetura da informação para repositórios digitais institucionais, baseados na descrição física e temática. In: Jaime Robredo; Marisa Bräscher (Orgs.). **Passeios no Bosque da Informação: Estudos sobre Representação e Organização da Informação e do Conhecimento**. Brasília DF: IBICT, 2010. 335 p. ISBN: 978-85-7013-072-3. Capítulo 7, p. 130-145.

NUNES, Leiva; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Da filosofia da classificação à classificação bibliográfica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 30-48, jul./dez. 2009.

PADILHA, Renata Cardoso. **Documentação museólogo e gestão do acervo**. Florianópolis, 2014.

PIEIDADE, Maria Requião. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

Que Conceito. **Informação**. São Paulo. Disponível em: <<http://queconceito.com.br/informacao>>. Acesso em: out de 2017.

ROBREDO, Jaime. **Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem revisitada e contemporânea da Ciência da Informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museólogos**. Brasília DF: Edição do autor, 2005.

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2003

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHIESSL, Marcelo; SHINTAKU, Milton. Sistemas de organização do conhecimento. In: ALVARES, Lillian (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores, 2012. P. 49-118.

SILVA, Fabiano Couto Correa da; SCHONS, Claudio Henrique; RODOS, Gregório Jean Varvokis. A Gestão de serviços em bibliotecas universitárias: proposta de modelo. **Revista Inf. Inf.** Londrina, v. 11, n. 2, jul./dez. 2006.

SOUSA, Sebastião de. **CDU: como entender e utilizar a 2º edição-padrão internacional em língua portuguesa**. Brasília: Thesaurus, 2010.

SOUZA, Rosali Fernandes de. Organização do conhecimento. In: TOUTAIN, Lidia Maria Batista Brandão (org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007.

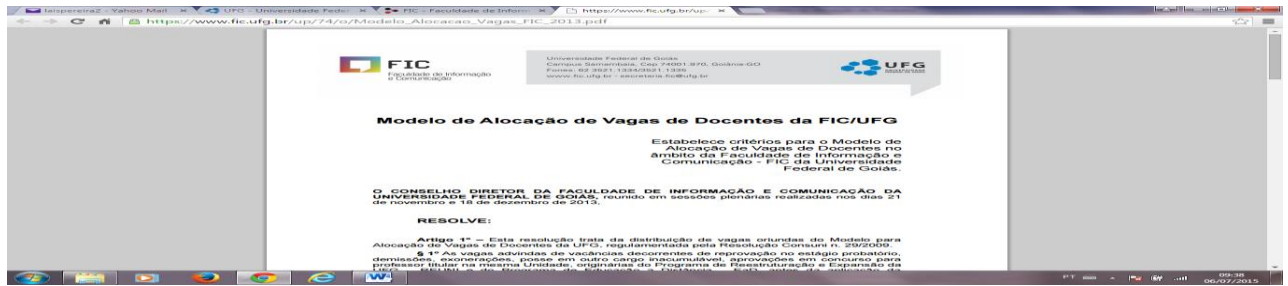
NUNES, Leiva; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Da filosofia da classificação a classificação bibliográfica. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. v. 7, n. 1, p. 30-48, jul./dez. 2009. Disponível em: Acesso em Jun/2017.

TABOSA, Hamilton Rodrigues; CARDOSO, Cyntia Chaves de Carvalho Gomes; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Linguagens documentárias e os**

**sistemas de classificação bibliográfica:** estudo de propostas de expansão e ampliação da CDD e da CDU. *Biblionline*, João Pessoa, v. 11, n. 1, 112-130, 2015.

TOMANIK, Eduardo Augusto. **O olhar no espelho:** “conversas” sobre pesquisa e Ciências Sociais. 2. ed. rev. Maringá: Eduem, 2004.

**APENDICE A – Questionário da Pesquisa**



## QUESTIONÁRIO

O presente questionário integra a pesquisa intitulada “**Mapeamento das formas de Classificação Bibliográfica:** estudo nas bibliotecas universitárias de Goiânia e Anápolis”. desenvolvida sob responsabilidade da pesquisadora e docente vinculada à Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, Elisângela Pereira Pinto de Souza.

O estudo constitui mapeamento sobre as formas de classificação adotadas nas bibliotecas universitárias de Goiânia e Anápolis – GO. Tenciona obtenção de dados descritivos da prática de Classificação Bibliográfica.

Nesse sentido, solicita-se sua contribuição no preenchimento do formulário, esclarecendo-se que os dados serão utilizados somente no contexto do estudo. A pesquisadora agradece sua atenção!

**Elisângela Pereira Pinto de Souza**  
 (62) 99269-4241 / (62) 98168-1334  
 zanaelisa@hotmail.com  
 zanaepp@gmail.com

### 1. CATEGORIZAÇÃO

#### 1.1 Faixa etária:

de 21 a 25 anos       de 26 a 30 anos       de 31 a 35 anos       acima de 35 anos

#### 1.2 Sexo:

Masculino       Feminino

#### 1.3 Tempo que exerce a profissão de bibliotecário:

entre 1 e 4 anos       entre 5 e 10 anos       entre 11 e 15 anos       acima de 15 anos

#### 1.4 Há quanto tempo você atua nesta Instituição?

entre 1 e 4 anos       entre 5 e 10 anos       entre 11 e 15 anos       acima de 15 anos

### 2. CLASSIFICAÇÃO

#### 2.1 Você possui experiência com os dois principais sistemas de classificação? CDD e CDU?

Sim CDD e CDU       Apenas CDD       Apenas CDU       Nenhum dos dois

#### 2.2 Qual o sistema de classificação adotado na Instituição que trabalha?

CDD       CDU       CDDir       Outros

### 3 CATEGORIZAÇÃO DOS SISTEMAS NAS INSTITUIÇÕES

3.1 É de seu conhecimento se nesta instituição já houve a troca do sistema de classificação em alguma ocasião? Você sabe o motivo?

- ( ) Sim Motivo: \_\_\_\_\_  
 ( ) Não  
 ( ) Desconheço

3.2 Você faz uso do índice do sistema para classificar?

- ( ) Sim ( ) Não ( ) As vezes

3.3 Você obedece fielmente as notações que o sistema indica?

- ( ) Sim ( ) Não ( ) As vezes

3.4 (Referente à pergunta anterior) Se não ou às vezes. Qual o tipo de adaptação e ou adequação você realiza na notação?

R: \_\_\_\_\_

3.5 Você utiliza as tabelas auxiliares?

- ( ) Sim ( ) Não ( ) As vezes

3.6 É seguida a risca a utilização de tabelas auxiliares?

- ( ) Sim ( ) Não ( ) As vezes

3.7 Você tem dificuldades em encontrar os assuntos na tabela ou no índice da tabela??

- ( ) Sim ( ) Não ( ) As vezes

3.8 Quais as outras dificuldades você encontra durante a classificação?

R: \_\_\_\_\_

3.9 Na unidade em que você atua, há a necessidade de adequação na classificação adotada?

- ( ) Sim ( ) Não ( ) As Vezes

3.11 Quais adequações você considera que são necessárias?

R: \_\_\_\_\_

3.12 Qual a motivação que levou a tal adequação e adaptação nos sistema desta unidade?

R: \_\_\_\_\_

3.13 Para todo o acervo é adotada a mesma forma da classificação? Faz-se necessário classificar, por exemplo, algum tipo de coleção em específico, independente do acervo geral, para facilitar na recuperação e ou organização?

R: \_\_\_\_\_

3.14 O acervo da unidade é fechado ou aberto? Há algum motivo em específico para ser assim? Tem a ver com a funcionalidade da unidade?

R: \_\_\_\_\_

3.15 A classificação é realizada pensando na praticidade do usuário para encontrar o material na estante?

Sim

Não

As vezes

3.6 No processo de classificação, você já se deparou com a necessidade de ter que agrupar assuntos para facilitar a recuperação da informação? Por quê?

R: \_\_\_\_\_

3.7 Na sua visão, a classificação do acervo é funcional/atende as necessidades da unidade/favorece a busca e recuperação da informação?

R: \_\_\_\_\_

## ANEXO A - Aprovação Comitê


**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**
**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Mapeamento das formas de Classificação Bibliográfica: estudo nas bibliotecas universitárias de Goiânia e Anápolis.

**Pesquisador:** Lais Pereira de Oliveira

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 68462617.3.0000.5083

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Goiás - UFG

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.336.977

**Apresentação do Projeto:**

Estudo descritivo com abordagem qualitativa e coleta de dados em campo. Aborda as formas de classificação bibliográfica, realizada pelas bibliotecas universitárias de Anápolis e Goiânia, com o propósito de fazer um mapeamento de como são realizadas as classificações para sua catalogação e quais as necessidades de adequação e sua viabilidade. Com caráter descritivo e qualitativo, vislumbra pesquisa documental apoiada pela aplicação de questionários junto aos bibliotecários das bibliotecas que compõem o escopo da pesquisa. Almeja resultados com valor descritivo do processo de classificação, capazes de dar clareza à forma de condução dessa importante atividade de organização e tratamento da informação nas bibliotecas universitárias.

**Hipótese:**

Almeja-se encontrar formas de classificação simplificada e adaptada para facilitar o trabalho dos profissionais perante o atendimento dos usuários.

**Objetivo da Pesquisa:**

Analisar as Bibliotecas Universitárias de Goiânia e Anápolis, realizando um mapeamento a respeito de suas formas de classificação bibliográfica.

**Objetivos Secundários:**

**Endereço:** Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131  
**Bairro:** Campus Samambaia **CEP:** 74.001-970  
**UF:** GO **Município:** GOIANIA  
**Telefone:** (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



UFG - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 2.336.977

- a) Identificar os sistemas de classificação nas bibliotecas universitárias selecionadas;
- b) Entender as formas de adaptação na classificação empregadas nas unidades de informação;
- c) Constatar a motivação e funcionalidade da organização do acervo.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Quanto aos riscos, a pesquisadora prevê que há possível risco de constrangimento e desconforto do participante ao participar da pesquisa.

Quanto aos benefícios, a pesquisadora indica que: "Não haverá benefício direto aos participantes do estudo, portanto esta pesquisa trará contribuição sobre o aspecto da classificação dentro das unidades".

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisadora apresenta os riscos e benefícios da pesquisa para os participantes: número estimado 20 participantes (os bibliotecários).

- A pesquisadora estima que entrevistará 20 participantes, mas não explica como chegou a esse número, não apresentando, portanto, os critérios de inclusão e exclusão dos participantes.

- A pesquisadora indica que a proposta metodológica é de pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. O universo são as bibliotecas universitárias, com plano amostral nas unidades de instituições de ensino superior localizadas no município de Goiânia e Anápolis - Goiás. A proposição em bibliotecas universitárias leva em conta a característica dessas instituições, o papel de apoio e viabilização da construção de novos conhecimentos e a importância da Classificação Bibliográfica.

A previsão é de coleta de dados por questionário, a ser aplicado via formulário do Google Docs aos bibliotecários das unidades participantes do estudo. Além deste, pesquisa documental para caracterização dos critérios de classificação.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

- O protocolo está instruído com:

1. Folha de Rosto;
2. Termo de Compromisso,
3. Projeto;
4. Informações básicas;

**Endereço:** Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

**Bairro:** Campus Samambaia

**CEP:** 74.001-970

**UF:** GO

**Município:** GOIANIA

**Telefone:** (62)3521-1215

**Fax:** (62)3521-1163

**E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.336.977

5. TCLE para bibliotecários;
6. Roteiro do questionário.

**Recomendações:**

A pesquisadora considerou a recomendações e apresentou justificativa sobre a dispensa dos termos de anuência das instituições tendo em vista a metodologia da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisadora atendeu as pendências e fez as devidas adequações que foram solicitadas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, prevista para janeiro de 2018.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_919923.pdf	28/09/2017 11:05:18		Aceito
Outros	Justificativa.doc	28/09/2017 10:47:40	ELISANGELA PEREIRA PINTO DE SOUZA	Aceito
Cronograma	Cronograma.doc	28/09/2017 10:46:35	ELISANGELA PEREIRA PINTO DE SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.doc	28/09/2017 10:46:18	ELISANGELA PEREIRA PINTO DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	26/09/2017 09:18:58	ELISANGELA PEREIRA PINTO DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	17/05/2017 14:57:24	Lais Pereira de Oliveira	Aceito

**Endereço:** Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131  
**Bairro:** Campus Samambaia **CEP:** 74.001-970  
**UF:** GO **Município:** GOIANIA  
**Telefone:** (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.336.977

Outros	Termo.pdf	16/05/2017 09:45:10	Lais Pereira de Oliveira	Aceito
--------	-----------	------------------------	-----------------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

GOIANIA, 19 de Outubro de 2017

---

**Assinado por:**  
**João Batista de Souza**  
**(Coordenador)**

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131  
 Bairro: Campus Samambala CEP: 74.001-970  
 UF: GO Município: GOIANIA  
 Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-1163 E-mail: cep.prpl.ufg@gmail.com